ANO 7.º — LISBOA — SABADO, 9 DE ABRIL DE 1927 — N.º 1839

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Direcção: T. 125 Redacção: T. 219
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM GRANDE ARTISTA

O pintor Beltran-Masses fala ao Diario de Lisbôa da sua arte

PARIS, Abril—Beltran Masses vive em Passy, num pequeno e aristocratico palacete. Aos sabados, abrem-se as portas do seu atelier aos olhares indiscretos dos amigos, dos criticos e dos curiosos...

E' a hora do crepusculo. Coada pelas cortinas das janelas, a luz é escassa, o misterio aumenta, um misterio oriental... Colchas de damasco, procelanas, espelhos venesianos, divans e almofadas ricas, em brocado... Não faltam, sequer, as mulheres bonitas e elegantes, recostadas nos divans, fumando e falando em voz baixa, emquanto esperam o desfilar dos quadros... Um retrato de Afonso XIII dedicado ao artista, chama a minha atenção. Ao centro, sobre um cavalete, uma pequena tela de Velasques. Quanto vale? Três, quatro milhões de francos? Beltran previne-me de que metade do valor dessa obra de arte pertence a um banqueiro seu amigo. Inteligentemente, ela foi confiada á guarda do artista. E é ali que deve estar, dominando esse pequenino santuario que me lembra tambem o interior duma gondola de Venesa, da Venesa rica dos Doges, ou da epoca romantica de Musset e George Sand... Templo de arte... Templo de amor...

E entramos então num verdadeiro encantamento. E' um hino pagão que vamos ouvir, mas um hino interpretado por uma maravilhosa orquestra, onde por vezes se toca em surdina, mas onde dominam as harmonias quentes e sonoras... E' uma onda sinfonica de vibrações ritmicas... O artista faz cantar a côr, em branco, em azul, em violeta, em vermelho, tom maior e em tom menor...

As mulheres passam, nuas e voluptuosas, ocultando na languidez da sua formosura o condão das mulheres fatais. São andaluzas de olhos fosforecentes e labios vermelhos, são gitanas palidas e visionarias...

Em contraste com a morbidez e perversidade das mulheres, os frutos maduros e carnudos, a Natureza em toda a sua força e em toda a sua pureza... Os acessorios são pedras rutilantes, rubis, esmeraldas ou safiras, sedas e veludos, numa policromia estonteante que nos faz pensar nos grandes mestres da Renascença veneziana...

Volupia sensual da côr e da forma, de misturia com a poesia amorosa da alma espanhola, ardente e altiva...

Recordo Romero de Torres, o outro pintor espanhol a quem a mulher andaluza tambem tem servido de inspiração. Ele envolve-as na graça provocante das mantilhas, atravez das quais se sentem intimamente nuas, tremulas de emoção e de ansiedade... Mas sobre essa nudez voluptuosa paira uma indefinida aureola de castidade, uma serenidade inefavel, erguida contra os assaltos do pecado...

As mulheres de Beltran, nuas ou vestidas, silenciosas, graves ou sorridentes, são sempre pecadoras... A's vezes, os olhos brilham, languidos e tristes, mas a boca sorri, num sorriso cruel e preverso...

Salomé—maravilha de tecnica—é uma das suas melhores telas. Ela segue a verdade historica, fazendo da heroina uma mulher sensual e histerica, que se agita numa convulsão luxuriosa e dolorosa... Nada ha mais horrivel do que o contraste entre o corpo, quasi nu, de Salomé e a cabeça ascetica de S. João Baptista, que um negro, herculeo e vigoroso, lhe apresenta, num prato dourado...

—Copiei esta cabeça duma mumia—explica Beltran-Manes. O negro, que me serviu de modelo, tendo querido ver o quadro só depois de pronto, explicou o gesto de Salomé, que inclina o busto para trás, de forma a evitar o horroroso espectaculo, como sendo a prova de que ela tivera vontade de comer o excelente prato que ele lhe apresentava... Quere dizer que os instintos do antropofago ainda não tinha desaparecido por completo...

O desfile das telas continúa, entre as exclamações e aplausos dos visitantes. "Canção de Bilitis", "Canção gitana", "Noite ducal", "Peregrinas"... parecem-me evocações baudelerianas.

—Garanto-lhe—responde o artista á minha observação—que eu ainda não tinha lido Baudelaire, quando realizei alguns destes trabalhos. E, creia, onde não ha sensualidade não ha nada.

E a verdade é que essa mesma sensualidade que o leva a espiritualisar algumas das suas obras. "Vers les étoiles" é a elevação de duas almas vagabundas que, na solidão de campos desertos e incultos, esquecem os instintos para beber, num extase romantico, toda a poesia duma noite de verão.

A necessidade de amar, os mitos e as lendas levam muitas vezes Beltran e Mosses á representação das noites estreladas, das noites de Venesa e de Granada...

Que importa! Ninguem, como ele, soube ainda encontrar a poesia do firmamento e da atmosfera nessas noites luminosas, quentes e perfumadas...

Obra prima, é o seu "Pierrot blanc". Emoção pictural e emoção poetica aí se encontram perfeitamente de acordo: Um homem novo, aristocrata, com todas as taras duma degenerescencia, fatigado de alma e corpo, ao lado duma mulher formosa, corpo forte e robusto, onde o sangue circula quente e generoso... Um verdadeiro drama! O agonisante, mascarado, ao lado da amante, representa toda a comedia humana da divisão das castas sociais...

RAMON ALBARRAN
(Retrato de Beltran Masses)

A's minhas divagações, responde o artista:

—Tudo isso faço instintivamente. Sinto e componho uma harmonia de côres, um conjunto decorativo feito ás vezes de recordações, e só então faço entrar o personagem principal. Conheci de facto este Pierrot no ultimo grau da tuberculose. Mas quando pintei, obedeci ao desejo duma harmonia pictural, harmonia entre o rosa velho do muro, a carnação da mulher e o branco das roupas e do tecido que cobre o divan.

E como eu elogiasse as mãos aristocraticas, esguias e transparentes do Pierrot—maravilha de tecnica e de expressão—Beltran conta-me que o pintor Bonnat, que não tinha por ele a menor admiração, considerava uma daquelas mãos dignas do Museu do Louvre. Para o velho Bonnat, isso representava um grande elogio.

Que não surpreenda esta atitude da parte dum pintor francês. A maioria deles renega a obra do pintor espanhol. E' preciso acabar com o preconceito que vem desde o tempo de Cesanne e que consiste em despresar o assunto, a graça e a beleza, para considerar apenas o ponto de vista tecnico. Basta de literatura, basta de mitologia, basta de anecdotas—diz a moderna pintura francesa. Mas a verdade é que elas não impediram que um Rafael, um Tintoreto, um Veroneso, um Delacroix deixassem obras primas e imorredoiras.

E o pintor que pode apresentar retratos, de linhas nobres e elegantes, como o de Ramon Albarran, não é, positivamente um adepto do "joli„ como Bogueréau, ou um artista como Boulanjer. A's vezes, pensamos em Van Dych ou mesmo em Velasques.

A tecnica de Beltran não é inferior á sua fantasia e á poesia das suas ideias. Essa tecnica adquiriu-a ele durante dez anos de trabalho realista, copiando a Natureza fielmente, calando toda a iniciativa do seu temperamento. Essas centenas de telas não saem da cave onde estão guardadas, mas eu pude vêr algumas fotografias que, me parece, colocarem o artista ao lado dos melhores pintores realistas. Só depois desses longos anos de estudo, é que fez apelo á fantasia e á imaginação.

—O melhor da minha tecnica—diz-me ele—devo-a aos estudos que fiz nos Picos da Europa. Esses tipos esquematicos de montanhas, linhas acusadas e tonalidades sombrias, habituaram-me a vêr rapidamente a Natureza estilisada.

E, já no cimo da escada, no momento da partida, como para explicar uma das razões da sua arte, repetiu-me aquela frase dum dos maiores coloristas do seculo XIX, o grande Renoir, que ele tanto admira: "Je ne demande qu'a faire de la peinture armable, fichtre! Il y a assez de choses sombres et embêtantes dans l'existence, sans encore aller les peindre!„

Irene de Vasconcelos

Inter-cambio

Portugal-Brasil

Na entrevista que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros teve a amabilidade de conceder-me, S. Ex.ª abordou pontos felicissimos, com respeito á aproximação luso-brasileira. Entrevista interessantissima e oportuna, sabendo-se que o sr. dr. Betencourt Rodrigues, conhece bem o Brasil e S. Paulo e foi sempre um grande patriota e um verdadeiro republicano.

Estimado, respeitado nesse grande país d'além Atlantico, não só a numerosa colónia portuguesa, como todos os brasileiros, esperam de S. Ex.ª uma acção decisiva para que das quimeras, se passe á realização pratica e proveitosa para as duas Patrias.

E para que essa urgente e real aproximação se faça, é absolutamente indispensavel que os dois países se conheçam e se conheçam igualmente as necessidades comerciais, hoje em dia base de tratados que muitas vezes fazem o orgulho e a fama de chanceleres.

Sómos daqueles que defendem o ponto politico, depois do comercial. E é de estranhar que, sendo o Brasil e Portugal como que a mesma nação, irmanados pelo esplendor brilhante do mesmo riquissimo idioma, unidos pelos mesmos costumes e pelas memas crenças, sendo o Brasil a segunda Patria acolhedora e amiga para tanta dezena de milhar de portugueses, é de estranhar, repetimos, que não haja ainda a grande aproximação luso-brasileira.

O actual presidente do Brasil, o sr. dr. Washington Luís, descendente de portugueses, em toda e qualquer ocasião, demonstra o carinho pela terra dos seus antepassados e pela sua gente. Veria, portanto, S. Ex.ª, com excepcional simpatia, que se efectivasse essa aproximação, que não se póde fazer com bravatas mais ou menos literarias ou patrioticas, mas sim, com uma série de medidas de grande alcance social, economico e politico, como muito bem pensa o sr. ministro dos Negó-

Eu tenho a certeza absoluta, firme, indestrutivel, que S. Ex.ª cumprirá o seu programa. E foi para mim uma alegria e um orgulho, rever S. Ex.ª com o aspecto varonil dos que pódem e valem lutar, dos que possuem ainda as forças da energia lusa; para vencerem, caminhando sempre, pondo em pratica e defendendo um ideal que só proveitos nos poderá trazer.

O sr. Betencourt Rodrigues tem sido e é, o maior propulsor da aproximação luso-brasileira.

Confiemos plenamente em S. Ex.ª. Nada póde dividir as duas Patrias amigas, o proprio oceano as une.

E os portugueses que de tão longe pensam no valor da sua Patria, pódem estar confiantes, que, para aumento e grandeza de Portugal e da sua Raça, o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros tudo fará para a grande aproximação luso-brasileira.

CARLOS CLIA

MOBILIAS

Preços de Liquidação

A prestações e a pronto

Colossal sortido em todos os estilos, casas de jantar, quartos, escritorios, saletas, maples, cortinas, rideaux, brises, carpettes, tapetes, passadeiras e oleados.

Não confundir. 135, Rua Conde Redondo, 137, subindo é do lado direito.

Acessorios para automoveis

Grande variedade em armazem e a chegar. Preços baratos.

AVENIDA STAND, L.BA

Rua Jardim do Regedor, 57 e 59—LISBOA

telefone N. 5014

PALACE HOTEL DO BUSSACO

HOTEL ASTORIA DE COIMBRA

abertos todo o ano

INFORMAÇÕES — Rocio, 108 — LISBOA

Comercio e Industria

Seguros em todos os ramos

R. ARCO BANDEIRA, 22

AO MINISTRO DAS FINANÇAS

Estão

em riscos de ser lançadas

NA MISERIA

80 familias do Porto

A proposito do recente regulamento sobre a industria de penhores, ouvimos os srs. Ludgero Malheiro e Julio Eugenio, directores das Companhias União de Credito Popular e Auxiliar de Credito Agricola e Industrial, do Porto, e que se encontram em Lisboa, para se avistarem com o sr. ministro das Finanças.

Começa por nos dizer o sr. Malheiro:

—As companhias, que representamos, têm mais de 50 anos de existencia e são sociedades anonimas, constituidas pelo capital de 300.000$00 e 200.000$00, distribuidos por acções de 100$00 escudos, em mão de modestos possuidores, tais como associações de socorros mutuos, asilos e outras casas de caridade.

—Quantas casas estão a cargo das companhias?

—Este exiguo numerario não pode, por si só, alimentar 40 casas, para emprestimos, a cargo das companhias. Para as poderem manter, necessitam ter dinheiro á ordem e a prazo, pelo qual pagam juro aos depositantes. As cifras nestas condições orçam, nas duas companhias, por cêrca de 3.000.000$00. Pelo que se vê, pezam sobre estas companhias os pagamentos de uros aos depositantes, além doutros encargos.

—Quanto pagam ao Estado de contribuições?

—As contribuições pagas ao Estado, no ano findo, foram de 230.000$00, afóra varias alcavalas.

—Como se fazem, no Porto, os emprestimos e qual o juro que cobram estas companhias?

—Fazem emprestimos sobre papeis de credito, joias, ouro e prata, roupas, destacando-se, porém, nas operações realizadas, o juro desde 2 0/0 a 7 0/0. O juro de valor superior a 2.000$00 de emprestimo compreende-se que não seria justo fosse igual ao cobrado pelo emprestimo de 10$00. Garantiram-nos que as sucursais e filiais cumprem, rigorosamente, o que se afirma sobre juros.

—São rigorosas estas companhias na venda dos objectos penhorados com mais do tempo prescrito pela lei para estarem a coberto da venda?

—Não. Nunca se efectua a venda com menos de 6 meses de juros em divida e anuncia-se repetidas vezes a chamada dos juros e a data de inicio dos leilões. Além do criterio dos directores, têm estas companhias estatutos aprovados pelo Estado, que lhes fixam obrigações a cumprir e de que têm de dar satisfações aos srs. accionistas que as apreciam no relatorio anual de contas e ao Estado, cujo relatorio enviamos á repartição respectiva.

—E o regulamento?

—Vê-se, por isto, que o regulamento não têm razão de existir, porquanto estas companhias regendo-se por estatutos aprovados pelo Estado, só cumpriam os articulados dos mesmos, que então por esse mesmo Estado lhes foram impostos. Repete-se que as companhias citadas são sociedades anonimas e com funções bancarias.

—Se o regulamento publicado causa embaraços á continuidade do funcionamento das companhias?

—Evidentemente. Com o juro que ele menciona que se deve levar e com o curto praso descrito para executar as suas determinações, resulta a morte destas companhias. Não ha margem nem para as depesas de administração.

—O que deve fazer o governo?

—Em vista do exposto, o ministro das Finanças deve suspender a execução do regulamento e mandar fazer um estudo sobre a forma e funcionamento das companhias, seus lucros, etc., para depois fazer inteira justiça, porque de um governo formado para unificar a economia nacional não é aceitavel sair o seu desagregamento.

—Causou surpresa o decreto publicado?

—Pela publicação do regulamento de 25 de março, resultou um pequeno sobresalto entre alguns depositantes, na previsão de que, pela precipitação da liquidação das companhias, surgissem prejuizos insuperaveis pelo que teve que se afirmar que o Governo seria justiceiro, atendendo ás reclamações das companhias, voltando assim o socêgo da clientela, talvez um pouco fundamentado.

Mas...

—Se a confiança que as nossas companhias depositaram no sr. ministro das Finanças não fosse absoluta, como transformar em dinheiro, penhores no valor de perto de 3.000.000$00, que não sofressem, pela precipitada liquidação, grandes prejuizos, originados pela pavorosa crise financeira...

Tudo isto seria um desastre, que atingiria sobretudo as classes pobres.

* * *

Os directores das Companhias União de Credito Popular e Auxiliar de Credito Agricola e Industrial estão em Lisboa, para serem recebidos pelo sr. ministro das Finanças, a fim de lhe expôrem a impossibilidade de cumprir o regulamento, pois que a sua execução será a morte das referidas companhias, após 50 anos de existencia. Não acreditamos, porém, que tal suceda, e que os 80 empregados ao serviço das companhias, alguns com 30 e 40 anos de serviço efectivo, representando 320 individuos pelo menos, não serão deshumanamente atirados á rua e lançados na miseria que se pretende atenuar presentemente.

No Coliseu dos Recreios

despede-se amanhã a grande companhia de circo

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios a penultima exibição da temporada de circo, cujo final atinge as proporções de um grande acontecimento, pelo entusiasmo com que o publico está acompanhando as ultimas exibições da Grande Companhia. No espectaculo de hoje, faz a sua festa artistica o famoso «dresseur» Truzzi, que trouxe a Lisboa uma nota de arte inédita e sensacional, montando na pista do Coliseu, com aparato sumptuoso, a pantomima «Mil e Uma Noites», materialização arrojada e deslumbrante dessa atmosfera inebriante, que irradiam os contos maravilhosos da formosa Scheerezade.

Não póde, ninguem que se preze e que aprecie as altas emoções, deixar de ver essa maravilha de composição feerica, a mais grandiosa que se tem montado em Portugal, e em que ha, a par de tantos outros motivos de beleza, uma deliciosa e quasi inacreditavel colaboração — a dos cavalos de Truzzi, que diz-se-iam actuar sob o poder occulto de um feiticeiro, como os animais encantados, das lendas e contos do Oriente. Ainda os cavalos da enfeiticada «féerie», que na verdade se move ao sabôr de uma varinha magica, — a do grande Wiliam Truzzi — outras assombrosas habilidades, algumas das quais hoje se verão pela primeira vez na festa do seu singular ensaiador.

* * *

Amanhã, é, finalmente, o ultimo dia desta soberba época artistica. A' tarde, realiza-se a ultima matinée, na qual se acumulam os divertimentos mais proprios para as crianças, e á noite com o derradeiro espectaculo, faz a sua despedida a Grande Companhia de Circo, cujas atracções figuram todas, tanto no programa desta noite, como nos dois programas de amanhã.

Mundanismo

Casamentos

Pela sr.ª D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, esposa do ilustre governador do Banco Nacional Ultramarino, sr. dr. João Ennes Ulrich, foi pedida em casamento para seu filho João, a sr.ª D. Maria Isabel Burnay de Melo Breyner (Mafra), gentil filha dos srs. condes de Mafra.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

—Realizou-se hoje o casamento do sr. Kruger Julio Faria, empregado bancario, com a sr.ª D. Amelia Casaca, servindo de padrinhos, por parte da noiva o sr. João Casaca e sua esposa a sr.ª D. Branca Martins Casaca, e por parte do noivo o industrial sr. Julio Ferry e sua esposa D. Mariana Carolina do Espirito Santo Borges.

Na «corbeille» dos noivos viam-se valiosas prendas. Depois do almoço, que se realizou no «Restaurant Roma», os noivos seguiram para Portalegre.

Festa de caridade

Como anunciámos, vamos hoje começar a desvendar o programa da sensacional festa de caridade, realizada por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor do Colegio de Xabregas.

Um dos numeros que causará a maior sensação no publico, são os fados que a grande artista Adelina Fernandes irá cantar.

Continuaremos, brevemente, a enumerar os outros artistas e amadores que cooperam nessa linda festa.

Soma e segue...

A musica da revista é original dos escritores Chagas Roquete e Acacio de Paiva «Soma e segue...», que ainda este mez será reprcsentada em um dos nossos melhores teatros por um brilhante grupo de amadores, e expressamente escrita pelo inspirado maestro Filipe Duarte.

Além das amadoras a que nos temos referido tomam tambem parte as sr.as D. Maria José de Barros Belmarço e D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, duas amadoras ilustres por todos os titulos e que em todas as recitas em que têm entrado, marcam sempre pela maneira como desempenham os seus variados personagens, não se repetindo, são duas perfeitas artistas, as quais na nova revista «Soma e segue...», está decerto reservado um novo triunfo.

Os bilhetes para estas recitas devem ser requizitados para casa da sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, rua do Seculo, 139, telefone norte 4033.

Recitas de homenagem

No Politeama

Um dos numeros do sensacional programa da recita de homenagem dos cronistas mundanos nossos coleges de trabalho srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, que se realiza no Politeama na noite de 27 do corrente, é a representação da interessante e fina peça «Os Filhos», pela brilhante companhia de declamação Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo, na qual os dois ilustres artistas têm papeis de destaque.

Os bilhetes para esta elegantissima recita devem ser requisitados para a rua da Mãe d'Agua, 45, ou pelo telefone do «Diario de Lisboa», Trindade 319.

Pontos de reunião

No Coliseu dos Recreios

Amanhã realizam-se os dois ultimos espectaculos da magnifica companhia de circo, a mais bela que nesses ultimos anos nos tem visitado, figurando no programa todas as novidades; portanto, quer na «matinée» como a noite; será o Coliseu dos Recreios um elegante ponto de reunião.

No São Luis

Realiza amanhã em «matinée» neste elegante teatro, mais um recital, a ilustre declamadora brasileira, sr.ª D. Margarida Lopes de Almeida, que tanto exito tem alcançado entre nós e ultimamente no norte do país confirmou ainda mais o exito de que vinha precidida, por isso poderemos afirmar que a tarde de amanhã no São Luis, será elegantemente concorrida.

Em viagem

O sr. conde da Folgosa, partiu para o Algarve, onde se demorá alguns dias.

—A fim de passar as ferias com seu avô o jornalista Homem Cristo, partiu para Aveiro, a menina Maria Homem Cristo Rocha, gentil filha da nossa colega na imprensa sr.ª D. Carolina Homem Cristo Rocha e do sr. Antonio Rocha.

PHOTOGRAPHIA BRASIL

Os mais modernos trabalhos em retratos d'arte.

Molduras para todos os formatos

R. da Escola Politecnica, 141

Os Asthmaticos aliviam-se

Instantanea e positivamente das crises mais violentas usando o Asthmador ou os Cigarros Asthmador. Este medicamente assegura um repouso tranquillo ás pessoas impossibilitadas de dormir sem elle a não ser sentadas. A' venda em todas as pharmacias e respectivamente no Deposito do Senhor Simões Pires (antiga Farmacia Nascimento) R. Prata 115-117 Lisboa.

FOTOGRAFIA AMERICA

A que melhor condições possue

: : para bem servir o publico : :

R. Registo Civil, 6, 1.º (Intendente)

TELEFONE 3029

ROSA DOS VENTOS

COMENTARIOS DA SEMANA

por Artur Portela

O teísmo

Não vou fazer o elogio do chá. Ele já está suficientemente consagrado e desacreditado pela mulher. Foi sempre um pretexto de maledicencia, que, noutros tempos, era gentil e se chamava ironia. Pensar, para a mulher, não é tão facil como conversar. No dia em que começou a ter ideias, pediu-as emprestadas ao homem. E' com o nosso pensamento que ela é feminista. Isto é, com o peor de nós proprios. Quando reivindica—desmente-se. Quando se desmente—expõe-se. O chá é o seu mais delicioso e perigoso encanto. E' a mentira convertida em rito e o rito em banalidade. A mulher que toma *chá* tem os vicios do homem de *café*. Nada produz. Reproduz as outras. E' uma imagem das ruas—o cartaz mundano, que nas esquinas cansa e não se lê, á força de insistencia. O *fantochine* da epoca: tres dedos de vestido, dois de *rouge*, boquilha, cabelo á homem e coração cronometrico, onde toda a gente vê a sua hora, sem impedir a do *sr. que se segue*...

Quando o chá apareceu, já não havia *bas-bleus*.

Em França, pelo menos, estavam decadentes. Em Portugal, os modelos que surgiram eram voluptuosos e freiraticos. Iam dos talamos reais para as escrevaninhas, como Eva á saída do Paraizo... Nada se aproveitou delas—nem mesmo o pomo do pecado.

Tudo isto vem a proposito de vos dizer que o chá entrou em declinio. Ainda não é um perigo, mas já é um abuso. Com todos os inconvenientes, com todos os exageros, com todas as seduções. Provoca uma doença—o *teismo*, que invadiu a Tunizia, calma colonia francesa do norte de Africa, pondo em grave risco a saude e os habitos dos indigenas. Estes, que dantes eram prudentes e trabalhadores, tornaram-se irrasciveis e preguiçosos. O roubo aumentou; a natalidade diminuiu.

Minha indulgente leitora, se é que me estás lendo: o perigo é evidente. Conheço-o pelo teu nervosismo, pelos chapeus que usas, pelo perfume dos cigarros que fumas. Não tomes mais chá! A ultima chavena é sempre tão amarga como uma desilusão. Bebe-se nela a ironia duma mocidade, que não soube envelhecer.

O principe que dança

Num vulgar concurso de *charleston*, realizado em Cannes, o principe Jorge de Inglaterra obteve o primeiro premio, com relativo brilhantismo. Instado pelos *smokings*, que tinham vindo da sala do jogo, o principe sorriu e dançou outra vez. Esta testa semicoroada, que ainda um dia pode vir a ser rei, diverte-se sobre a Europa em naufragio, com a inconsciencia dum doido em paranoia dolorosa. Pode a America projectar a sua sombra sobre o velho continente numa ameaça proxima e terrivel! Pode a Asia em fogo abrazar o mundo com a sua guela de dragão fantastico, onde dez raças estão prestes a serem imoladas! Que importa!

O principe dança, indiferente á eternidade da historia!

Para ele, o seu imperio não são as Indias, nem os mares, nem a terra inteira: são os *dancings* de luxo, onde as flôres da lama, sordidas de amor, e os *éscrocs* do vicio, hediondos de luxuria, podem pagar caro o espectaculo dum principe que dança, em frente do trono, o ultimo *charleston*—simbolico *charleston*!

Eis um principe que começa onde devia acabar. Muito cêdo, já no exilio do seu destino sagrado, antecipadando á hora amarga de condutor de povos, o prazer de os divertir, dançando.

A vitrola

A musica mecanica é hoje como a radiotelefonia: universal. A vitrola moderna, sensibilizada pelas mais belas orquestras, pelas melhores sintonias, pelas gargantas mais puras, é um magnifico elemento de arte, que veio, com vantagem, substituir as grandes audições. A sciencia, aperfeiçoando-a, tornou-a um incontestavel instrumento de arte, onde a voz humana é tão nitida, como ouvida directamente. Barata e, portanto acessivel, a vitrola está-se espalhando extraordinariamente. Numa pequena caixa, portatil e leve, cabe o mundo inteiro. E' o palco de todos os teatros, a partitura de todas as operas, a pagina celebre de todos os bons compositores, o jazz de todos os *dancings*, o canto de todas as desmassas corais. Este inter-cambio permanente de sonho musical que uma placa de ebonite grava com delicada atenção, já não é um divertimento, é um culto apaixonado. Já não é preciso viajar, basta ouvir. Já não é preciso vêr, basta sentir. O homem de hoje, pode sem dificuldade, sintetizar o universo nas suas mãos, tornando perceptivel a onda de beleza que percorre a terra, desentranhando beleza e oiro, cantico e sonho, alegria e dôr. A sua propria ansia de imortalidade encontrou, emfim, um termo na voz que não se extingue, perdurando através dos tempos, como um clamor vitorioso e eterno.

O divorcio

O divorcio é tão necessario como o casamento. Facilita-o, multiplica-o mesmo. E' uma espada de dois gumes, que a mulher, mais do que o homem, detem com firmeza e com uma sciencia consumada de mestre de armas. Um divorcio representa quasi sempre dois romances. Um que acaba e outro que começa. Ha um pequeno inferno, que a justiça preenche de acareações galantes, cortezes, inolvidaveis. Ha sempre tempo para uma reconciliação, que nunca se troca por uma libertação. O homem casado oferece vantagens sobre o solteiro. Tem o tirocinio, a pratica, a experiencia, qualidades admiraveis, na vida moderna. Ser marido e uma profissão como outra qualquer—a mais perigosa e a mais inutil de todas. O conhecimento da especie femenina, dá-nos ares de sabio erudito, culto, proficiente. Catalogam-se todas as variedades de mulheres, numa unica mulher. A que chora, a que ri, a que irrita, a que discute, a que mente—que afinal é a nossa. Estas transformações operam-se rapidamente, reunem-se e universalisam-se num dia, numa hora, num minuto. Conhecem-se assim todas as teclas do sexo fragil. A mulher só reclama, quando o executante se esquece da sinfonia habitual. A paixão desta arte, ora nos arrasta, ora nos sucumbe. Ao primeiro efeito corresponde o extaze, ao segundo o somno—dois maleficios terriveis, que nos isolam da realidade, roubando a grande virtude da vida: a acção. Como cronica, tudo isto é exacto. Paradoxos frageis, que nem fazem sorrir e se constroem de bolas de sabão—futulidade e vento. O amôr é uma coisa tão seria, que a poesia ainda não descobriu a ultima rima, nem a filosofia a ultima razão.

A zona negra

Um dia escrevi um artigo com este titulo. Os factos, as circunstancias e o local onde foi publicado, impunham-no, sem terrorismos, nem exageros. O reporter da cidade, que afinal somos todos nós, verifica com pasmo que a dez metros de sua casa, no coração da cidade, a meia hora do Rossio—uma zona negra de crime e suicidio, se alastra como uma mancha misteriosa e soturna. E' o Parque Eduardo VII. Não ha mês que não nos dê um cadaver, um drama, uma violação. Não se compreende a indiferença da policia e justifica-se em absoluto a indignação dos jornais. Mais do que uma noticia, o abandono do Parque Eduardo VII, ás sombras e aos assassinos, merece uma larga campanha. Daquelas que vão até ao ponto final, repetindo, insistindo, com a violencia duma causa justa. O Parque Eduardo VII é hoje o antro nocturno e dramatico, onde se acoita o punhal, o roubo, o exterminio. Não faço literatura. O cemiterio, onde já perderam a vida algumas dezenas de pessoas, não comporta inscrições pomposas. Quando muito, algumas dezenas de candieiros e uma duzia de policias bem armados, que vigiem cuidadosamente o local.

Os habitantes das imediações estão tão habituados á chacina que, quando a vitima, numa golfada de sangue, implora ás suas crenças—a vida—fecham a janela, como se nada fôsse com eles. Isto é medieval e lugubre! Desacredita uma cidade que, por mais que queiram os nossos inimigos, não está positivamente no norte de Africa...

O carrasco

A' saída de Changai, quando o exercito nordista, milhões de homens em desordem, fugiam acossados pelo incendio e pela metralha, ao longo da lama das estradas, um homem todo poderoso, de espada curta e cruel, sorriso doce, como a vingança que se compraz em requintes terriveis de maldade e odio, olhava serenamente, infinitamente, as hostes sem fim, aniquiladas pela cobardia e pela distancia. Era o carrasco. Sumptuoso como um Deus, a onda dos famintos batia-lhe no peito invencivel, como uma ressaca. Impassivel, ele deixáva passar, correr uma hora mais sobre os destinos barbaros e fugitivos, que ao outro dia manchariam duma aurora de sangue, a mortalha da terra, fria e glabra. Marchavam os soldados com a carabina ás costas. Ao longe, havia restos de pilhagem e de incendio. E a onda amarela, extravazando miseria e lodo, alastrava-se por todo o horisonte, acossada de perto pelo exercito dos corvos, ebrios de carnagem. Qualquer daqueles soldados podia executar o carrasco. Quebrar num só gesto a espada afiada, em cem mil decapitações, rapidas e felizes. Poupar a sua vida, infinitas vidas, que atraz dele seguiam, de rastros, amassacradas pela fome. O carrasco, porém, sorria, intangivel, sereno e puro na sua grandeza. A sua espada, que nunca tinha combatido, permanecia invencivel. Era a foice da grande seara sangrenta, cujas espigas voavam ao vento da derrota na estrada, mutilada e livida. Espigas rubras que a esta hora cairam já, desdenhosamente, em campo aberto, onde outras espigas vão nascer, germinando no nada a morte do Oriente...

Domingo de Ramos

E' amanhã que Jesus entra em Jerusalem! O povo canta á beira da estrada: hossana ao filho de David! que vem sorrindo entre flores que se despreendem dos cactus selvagens e dos tamarindos rubras, beijando-o com unção. Mil palmas se levantam, sacudidas ao vento da gloria, mil bocas gritam a nova verdade, que foi eterna. A filha de Sião, a que apedrejava os profetas e matavam os enviados de Deus, pregunta suspensa:—Quem é este?

"E os povos dizem: Este é Jesus, o profeta da Nazaré da Galileia! Já no templo de Deus, rolam pelas escadas de marmore puro as mesas dos vendilhões. Ruflam azas de pombas, alfim libertas, como se o Espirito Santo, abençoasse a cabeça do apostolo, já inclinada sobre o madeiro do sacrificio.

"A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou,—ha de elo dizer ainda, na hora tardia do arrependimento, quando os olhos dos homens, já não enxergarem a sua transfiguração...

ZIG-ZAG

CASA HAVANEZA

LISBOA 24—L. DO CHIADO—25

Se não fosse a merecida comemoração de gloriosa memoria dos nossos heroicos combatentes de La Lys, deveriam sair hoje da Alfandega mais 23:800 caixinhas desta acreditada marca de papel de fumar. Assim, só o teremos na proxima segunda-feira, 11, e, por isso, aproveitamos o ensejo para lembrar aos nossos estimaveis clientes mais retardatarios a conveniencia de enviarem desde já os seus pedidos, a fim de não deixarem de ser incluidos no rateio a que estamos procedendo e não suceder como no mês findo, em que muitos dos nossos fregueses deixaram de ser servidos por não terem remetido a tempo as suas requisições. Alegrem-se, no entanto, os nossos clientes, pois esperamos que no proximo mês já não seja necessaria esta precaução, em virtude de serem aumentadas as quantidades que mensalmente recebemos.—PREÇOS OS DA ULTIMA TABELA.

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

COM O CAPITAL DE ESC. 9.000:000$00 (OURO)

Direito exclusivo de pesquiza e extracção de diamantes na provincia de Angola por concessão do respectivo Governo

SEDE SOCIAL: — RUA DOS FANQUEIROS, 12, 2.º, LISBOA — Teleg.: DIAMANG

Escritorios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino
Administrador-delegado — **ERNESTO DE VILHENA**

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Representação e direcção tecnica em Africa

REPRESENTANTE
Tenente-Coronel Antonio Brandão de Melo
Caixa Postal 347 — Teleg.: DIAMANG
LOANDA

DIRECTOR-TECNICO
Mr. H. T. Dickinso
DUNDO
LUNDA

NOS
GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
ha sempre novidades em cheviotes, casemiras em todas as cores ::: e qualidades :::

Preços o mais resumido possivel

Secção de Alfaiataria, Camisaria e Gravataria

20, R. da Conceição, 26

DESCALÇO, L.DA

Telefone C. 4075

= Casa Africana

Rua Augusta, 161
— LISBOA —

Estação de : verão :

Tem recebido e continua a receber diariamente um colossal sortido das mais "chics" novidades em todos os padrões e qualidades de artigos de fantasia e lisos de:

:: SEDAS :: LÃS :: ALGODÕES ::
:: CAMISARIA :: ALFAIATARIA :: CONFECÇÕES ::
VESTIDINHOS E FATINHOS :: ROUPA BRANCA :: CHAPEUS

Adquiridos directamente nos grandes centros da moda de Inglaterra, França, Suiça, Alemanha e Italia

Aos nossos estimados clientes pedimos não adquirirem as suas toilettes de verão sem verificarem os nossos sortidos e preços.

Freire da Crus & C.ª

R. I. P.

O General Luiz Alberto Homem da Cunha Corte Real

Falleceu confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja

Sua familia participa aos seus parentes e amigos o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 14 horas, da Rua do Quelhas, 38, para o cemiterio dos Prazeres.

Vidraria e Louças

Casa Marinha Grande

Telefone 1998 N.

Vende pelo preço de fabricas, serviços e artigos dispersos de porcelana, faiança, cristal, esmalte, ferro, zinco e aluminio

1.º predio Av. Almirante Reis (Ao Intendente)

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL ESC. 9.000:000$00

Séde social: Rua Augusta, 235 — LISBOA

Telefones: Governo da Companhia—Norte 2889. Expediente—Norte 2890 e 2891

Delegação no Porto: Praça Almeida Garrett, 33 e 35—Telefone 1703

OPERAÇÕES DE PROVISÃO

«RENDIMENTOS VITALICIOS»

Estas operações são destinadas a constituir e a assegurar **Rendimentos Vitalicios** variaveis, superiores aos que resultam da simples capitalisação individual.

As importancias confiadas ao **Credito Predial**, para assegurar, de futuro, um **Rendimento Vitalicio**, isto é: durante toda a vida, a partir de uma certa idade, ás pessoas indicadas pelos subscritores no acto da subscrição, são capitalizadas em agrupamentos distintos, á escolha dos subscriptores.

Estes rendimentos, nos termos do Decreto com força de lei, numero 12.252, são impenhoraveis, isto é: não podem ser arrestados ou penhorados por quaisquer credores do subscritor ou do beneficiario, ficando, assim, a constituir uma reserva absolutamente livre de todas as contigencias de fortuna e de todos os encargos.

«MEALHEIRO DO POVO»

Mealheiro do Povo é a designação dos depositos de pequenas economias que qualquer pessoa pode fazer na **Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**, para a constituição, em 15 anos, de um capital de Esc. 500$00. Este capital é formado, a juros compostos, pela entrega de prestações trimestrais, sendo a 1.ª de Esc. 10$00 e as restantes 7$50.

Ao ser feita a entrega da 1.ª prestação receberá o depositante uma caderneta, cujo numero entra em sorteios realizados publicamente, na séde da Companhia, pelas 14 horas, no primeiro dia util dos meses de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, de cada ano.

O portador da caderneta, cujo numero seja sorteado, quando em dia da entrega das prestações será reembolsado por Esc. 1.500$00.

O Governador
J. A. de Sousa Rodrigues

"Stand" Moderno

DIONISIO & MENDES, LTD.

13-A—R. ATOR TABORDA—13-B
á AVENIDA CASAL RIBEIRO — **(Tel. N. 1685)**

VENDA DE AUTOMOVEIS POR CONTA ALHEIA

JAZIGO

De capela, em S. João, vende-se. R. Vitoria, 63.

MINIATURAS

Relogios, santos, quadros. Vendem-se. R. Vitoria, 63.

UMA PEÇA MODERNA

Da tragi-comedia

"O Homem e os seus fantasmas"

de Lenormand

versão livre de Alvaro de Andrade

transcreve-se o primeiro quadro

Quando o nosso querido camarada Alvaro de Andrade, um dos espiritos mais lucidos e mais inteligentes do jornalismo, traduziu o *Homem e os seus Fantasmas*, de Lenormand, estava bem longe de prever o magnifico sucesso provocado pela peça, e o alto serviço que prestava á dramaturgia portuguesa, revelando-lhe uma das mais assombrosas obras do pensamento moderno. A tradução de Alvaro de Andrade que seguiu par e passo o original, conservando-lhe toda a emoção dramatica e todo o vigor verbal, foi acolhida com entusiasticos e rasgados louvores. O trabalho de Alvaro de Andrade, tornando conhecida uma das melhores peças do grande teatro, não podia ficar esquecido. A revista de *Teatro*, brilhante publicação dirigida com acrisolado carinho pelo distinto homem de letras, que é Mario Duarte—publica neste numero dum raro e empolgante interesse, a tradução do *Homem e os seus Fantasmas*.

Alvaro de Andrade

Uma paisagem de neve. No alto duma montanha. Inverno. Dois homens de camisolas verdes e amarelas, na encosta dum monte. Calçam botas amarelas, calções de «sport» e trazem bengalas ferradas. — Luz do meio dia.

O AMIGO

(Um rapaz de 22 anos, cujas maneiras, gestos e inflexões de voz, são inconscientemente copiadas das do Homem).

Mas, afinal, como é que a conheceste?

O HOMEM

(No desabochar viril dos 30 anos; corpo desenvolvido pelo «sport», vendo-se tambem que cultiva o «sport de conquistar mulheres).

Uma madrugada saí do hotel. O ceu tinha ainda aquela côr duvidosa do amanhecer, que os preguiçosos não conhecem. A montanha parecia uma gigantesca armadura de aço e prata, com sombras baças e azuladas. Estava um frio delicioso. Subia vagarosamente a encosta, de espingarda a tiracolo, quando de repente, no tôpo da montanha, me apareceu uma choupana. *(Sentam-se num banco verde, escondido entre a neve)* A' porta, de cara virada para o sol, altiva e firme, como uma arvore, uma mulher olhava para mim.

O AMIGO

(Rindo) Chegas a convencer-me de que, se um dia, fôsses passear ao Polo, lá mesmo te havia de surgir uma mulher a perseguir-te, ou então se fizesses uma excursão ás estrelas, uma deusa te apareceria presa no anel de Saturno, para que a seguisses.

O HOMEM

Tenho uma habilidade especial para atraír as mulheres, mas, naquela manhã, a unica caça que eu procurava, era o ar puro e o socego. Tinha deixado Clara, pelas três horas da madrugada, no momento em que o tédio pela mulher nos assalta, pelas suas atitudes sensuais... Gosava as maravilhas do deserto, branco como um lindo corpo, insensivel ás caricias que o envolvem...

O AMIGO

E no entanto...

O HOMEM

Sim... essa criatura despertou-me uma enorme curiosidade... A sua camisa de pano crú, um pouco desabotoada, deixava entrever um seio,, tão direito, e tão rijo, que parecia marmore. Sorria. Parei na sua frente. Entrei na choupana e sem uma palavra... beijei-a e foi minha... O seu amôr rescendia a feno e a resina..

O AMIGO

Essa mulher, vive só, lá em cima? Não tem pai, não tem irmãos?

O HOMEM

Os pais tinham descido á cidade, onde ficavam uma semana.

O AMIGO

Clara nunca suspeitou?

O HOMEM

Só tem ciumes da outra.

O AMIGO

Da polaca? Da que encontraste no comboio?

O HOMEM

Exactamente.

O AMIGO

Tambem a conheceste num instante?...

O HOMEM

Em poucos minutos. Estive só três vezes com ela! Quando num comboio, uma senhora que não conhecemos, nos fita longamente e quasi que chora de medo; quando o comboio passa sobre um rio, e nos aperta o braço, ao atravessar um tunel, o que espera de nós? Quando nos diz, ao chegar, que vai para o nosso hotel, e nos recebe no seu quarto, quasi nua, o que espera de nós? Uma noite de amôr, creio que paga bem, um dia de des...

O AMIGO

Ela atravessava ontem a sala do jantar, com um vestido bordado a ouro. Tinha o ar duma rainha que procura um tesouro perdido.

O HOMEM

O tesouro perdia-se por outro lado...

O AMIGO

Que dirias tu, se eu te substituisse?

O HOMEM

Nada. Não creio que sejas o homem que lhe convém. Ela é muito mulher... No amôr, procuramos sempre a nossa superioridade. Os homens, como nós, querem presentir nos seus abraços, qualquer diferença, mas para elas, sômos todos iguais... e não nos conformamos com essa ideia.

O AMIGO

Como tu me conheces bem.

O HOMEM

Como nós nos conhecemos.

O AMIGO

Não sabes o que penso ás vezes? Que se eu colocasse numa balança, as alegrias do amôr e as alegrias da amizade, ficaria atrapalhado para descobrir quais as mais preciosas. Tenho a impressão de que sem amizade não havia amôr. Se não fôssemos um para o outro, testemunhas das nossas aventuras, elas perderiam o seu encanto e quasi que a realidade. As mulheres que censuram as nossas confidencias, como se fôssem traições, não compreendem nunca, que contando mutuamente as suas fraquezas, as vivemos outra vez. Pela minha parte, o que te não conte, é como se não tivesse existido.

O HOMEM

Tambem eu gosto de recordar contigo as minhas aventuras. As mentiras, os rodeios de que me sirvo para conquistar as mulheres, não me pesam... e no entanto sinto um enorme alivio em desabafar contigo. Embora eu não saiba o que são desgostos, tenho momentos, quando penso naquelas que vejo sofrer por minha causa... remorsos, não... mas uma especie de aborrecimento. Isto é, o bastante para me tirar a alegria, em determinadas ocasiões. E' como que um constrangimento, uma falta de ar... Pois bem, quando te confio as lagrimas, as queixas, as suplicas que precedem um rompimento, fico de novo livre e alegre, como se tivesse vinte anos!

O AMIGO

E ficamos vingados, quando desvendamos os seus segredos.

O HOMEM

Talvez.

O AMIGO

Como se nos podessemos vingar das nossas proprias vitimas.

O HOMEM

Pensa nas suas hipocrisias, nos seus fingimentos, na demora que impõe ao nosso desejo, mesmo quando o delas é maior! Pensa nas suas astucias, nas suas falsas doenças e nas complicações com que elas sabem estragar as horas felizes da sensualidade!

O AMIGO

O que eu penso, é que sem as mulheres, o mundo seria um verdadeiro tumulo.

O HOMEM

E' exacto, mas o homem sem desejos, seria um cadaver a pensar.

O AMIGO

(Olhando em redôr) Ah! Que alegria ha em viver aqui! Olha para estes blocos de neve: dão a impressão de que se consomem lentamente... Tambem o homem se consome assim. *(Silencio. Acendem cigarros)* Sabes o que Clara me dizia ontem? «Se ele me tratar um dia, como tem tratado as outras, matar-me-hei na sua frente».

O HOMEM

E' uma solução. Mas tem a certeza, de que renunciará quando avaliar bem a minha insensibilidade. As mulheres só se suicidam, para acorrentar eternamente o homem á sua memoria, mas para isso é necessario que o homem tenha remorsos e recordações... e eu, sou pouco de recordações... As que tenho são todas bôas, porque na minha memoria só elas existem. Quanto a remorsos... *(Sarcastico)* Não, não, para mim, o suicidio nada vale!

O AMIGO

—Como conseguirás ver-te livre dela?

O HOMEM

Vou fazer uma viagem. Clara não é criatura que se possa abandonar... Temos de lhe fugir... As amantes que tenho tido têm-me feito conhecer o mundo. Enfim, não é ser infeliz, ter de ir até á Persia ou á India, quando uma mulher não quere compreender que está a mais na nossa vida.

O AMIGO

Calculo que a da choupana não te fará ir tão longe!

O HOMEM

Oh! não!... Para essa basta ir até Paris. *(Consulta o relogio)* Três horas. *(Espreguiça-se)* O amôr, tambem é agradavel a esta hora do dia, quando o gelo está meio derretido pelo sol e quando no alto das montanhas a neve desaparece... *(Levanta-se)* Ela deve estar á minha espera. Vou deixar-te.

O AMIGO

Até logo. *(Entra uma velha aldeã, andrajosamente vestida de negro. Trás a custo um feixe de lenha seca).*

O AMIGO

(Rindo, ao Homem) Alguem da tua nova familia?

O HOMEM

Talvez. Já vamos saber. *(A' velha)* Donde vem, tiasinha?

A VELHA

(Depondo o fardo). Da desgraça, senhores. E' de lá que eu venho. E' para lá que vou todas as manhãs. E' ainda de lá que eu volto todas as tardes e é na desgraça que eu passo as minhas noites. Nenhum dos senhores sabe ainda o que isto é.

O AMIGO

(Ao Homem). Dá-lhe uma esmola.

O HOMEM

(Estendendo uma moeda de prata á velha). Tome, tiasinha.

A VELHA

(Recusando). Não... não quero o vosso dinheiro.

O HOMEM

(Surpreendido). Porquê?

A VELHA

O dinheiro dos pobres póde-se aceitar. O dos ricos, não, semeia a má-sorte, porque não vem do trabalho.

O AMIGO

E' uma moralista. Era o que nos faltava!

O HOMEM

Adeus, tiasinha.

A VELHA

Adeus, sim... Até um dia: Lá nos encontraremos na desgraça. *(Os homens riem).* Riam-se... Riam-se da minha carcassa e ainda ririam mais se podessem ver a comida que me dão e a gamela onde como, com os porcos em volta de mim, a disputar as magras sopas. E' assim que os meus netos me tratam. Fazem-me dormir durante sete meses do ano, num velho curral, cheio de pedras soltas, cobertas de gelo... A mim, que os criei a todos, tratam-me como se fôsse um animal!... Os senhores são novos, robustos, atravessam os nossos caminhos, como se lhes pertencessem, vestidos dessa maneira, amam as vossas mulheres todas pintadas como eu as vejo lá em baixo, no terraço do hotel, sóbem ás nossas aldeias para nos roubar o coração das raparigas. Apesar de velha e miseravel, eu conheço melhor a vida! Miseria e desgraça... desgraça e miseria... e mais desgraça. E' isto a vida!... E os senhores saberão um dia, se ha justiça no mundo.

O HOMEM

(Rindo ao Amigo.) Felizmente é coisa que não existe!

A VELHA

(Com uma convicção selvagem). Mas é que ha justiça!

O HOMEM

Onde?

A VELHA

Ao pé da desgraça. E é lá, que espero encontrá-los... *(Sai).*

CAFE' CHIADO
Primoroso serviço de chá e café
Bifes á Marrare

A Cidade

DENTADURAS
desde 280$00 escudos
Extracções com anestesia a 7$50 escudos, no Consultorio Cirurgico Dentario do Largo do Conde Barão, 18, 1.º
Aberto aos domingos

Chá das cinco

Literatura catolica

O seculo XIX — dá licença, sr. Magalhães Lima? — foi um grande seculo catolico. Póde-se aplaudir ou desdenhar: o que se não póde é negar este reflorir da velha arvore da Cruz.

Tenho, sob os olhos o Manual ilustrado da literatura catolica em França, *de 1870 aos nossos dias. Meu Deus! são mais de mil e quinhentos nomes! Ha certamente, mais, muito mais do que mil e quinhentos catolicos em França, sinceros, cumpridores,* comme il faut. *Mas haverá mil e quinhentos escritores catolicos, não digo a partir de 1870, mas depois da* Chanson de Roland? *Evidentemente que não. E' necessario dar, a esta palavra escritor, uma significação puramente profissional. Se os seus meritos são desiguais perante os olhos dos homens, o ardor dos escritores catolicos é igual perante o Ceu.*

O Manual, *que estou folheando, não desdenha nenhum dos generos literarios, mesmo aqueles que a Igreja considera como venenos da alma — o teatro, por exemplo.*

Ha muito de aproveitavel, mesmo para os que não são devotos, na Introdução *que abre o volume. Pertence á pena flexivel e liberal, do abade Henri Brémond. E' uma introdução — mas é, sobretudo, uma conversa.*

Póde-se afirmar, com seguro criterio, que a maior parte das obras citadas nada vale. Insignificantes e, por isso mesmo, prejudiciais, porque, numa biblioteca, ocuparão o logar que devia ser reservado aos bons livros. No entanto, aqui e além, verdadeiras maravilhas se nos deparam.

E' lamentavel que os compiladores do Manual *dessem tão pequeno logar a Marie Mel, um temperamento admiravel de poetisa — a irmã cristã da paganissima Noailles!*

ALVES MARTINS

Miss Portugal

Na montra da importante fabrica de calçado «A Portugal», ao Rocio, encontra-se exposta uma bela fotografia de «Miss Portugal» ladeada pelas bandeiras Portuguesa e Americana e ao fundo um ramo de lindas rosas.

UMA RECITA
do pessoal de "O Seculo,,

Segunda feira realiza-se, no teatro Politeama, o festival promovido pela Previdencia Mutualista do Pessoal do nosso presado colega "O Seculo,,, subindo á scena a interessante comedia "Um idilio num quinto andar,,.

A seguir á representação da elegante comedia, e em Fim de Festa, a sr.ª D. Ilda Stichini e o actor Raul de Carvalho dirão versos com o primor de dicção e a alta intuição artistica, que são seu timbre. A actriz-cantora sr.ª D. Adelina Fernandes completará o festival, cantando algumas das suas admiraveis canções, acompanhada á guitarra e á viola por dois eximios tocadores.

Para esta festa, que marcará duplamente pelo seu cunho artistico e pelo simpatico fim a que visa, está quasi esgotada a lotação do espaçoso e elegante teatro Politeama.

Tauromaquia
Santarem

Realiza-se amanhã na praça de touros de Santarem, uma atraente corrida promovida pela Associação dos Toureiros Portugueses, a favor do seu cofre.

Tomam parte alguns dos nossos melhores artistas como João Nuncio, Ricardo Teixeira, Luciano Moreira, Alfredo Santos, Custodio Domingues, Agostinho Coelho, Mendes Leal e Alfarero.

Os touros, que são lindas estampas, pertencem ao opulento ganadero sr. Samuel dos Santos Lupi.

TEATRO S. CARLOS
HOJE e AMANHÃ — Ultimas da peça
"ENTRE OS LOBOS"

TEATRO DO GIMNASIO

A nova REVISTA dos estudantes repete-se amanhã

Em virtude do extraordinario exito alcançado pela revista «Processo Sumario», levada á scena em S. Carlos, no ultimo sabado, em recita de despedida dos Quintanistas de Direito, resolveram estes fazer «reprise» da arrojada e curiosissima revista, satisfazendo assim os inumeros pedidos que lhe fôram feitos.

E' já amanhã que ela se realiza, desta vez no Teatro do Ginasio, e, a julgar pela enorme procura de bilhetes, não deve, como sucedeu em S. Carlos, ficar um unico logar vago no teatro.

«Processo Sumario» é agora apresentado com alguns córtes e modificações que vão fazer realçar os seus numeros mais felizes, entre os quais é de citar em primeiro logar a «Trapalhada geografica», que fez rir em franca gargalhada os espectadores de S. Carlos durante 20 minutos, e que a seguir transcrevemos:

COSMOPOLITA — Até aqui tenho estado calado a respeito das minhas viagens. Mas agora tem de ouvir. As minhas aventuras metem as suas num chinelo. *(Ferro faz um gesto de descrença)* Vai ouvir alguns episodios da minha vida. Estava eu na *Africa*, no *Transvaal*...

FERRO — Foi então as do *Cabo?* E em que ponto do *Transvaal?*

COSMOPOLITA — Em *Transvaal de Cavalos. (muda de tom)* Eu normalmente nunca **Estocolmo** muito, mas a certa altura perdi de todo o apetite. Estranhei o *Caucaso*, tanto mais que sou um pouco supersticioso, embora não acredite em *Bruxelas*.

FERRO — Po's eu acredito.

COSMOPOLITA — *Odessa!* O sr. está mas é muito *Verdun!* Mas dizia eu: desconfiei da historia. Como me preso de ser uma pessoa de muito *Oslo* e me lembro sempre do ditado *Sofia-te na* virgem e não corras e verás a *Torre de Pisa* que levas, puz-me á espreita. Descobri logo: era o meu cozinheiro que mexia o café com um bengalão muito sujo.

FERRO — Para quê?

COSMOPOLITA — Para me dar só café de *Moka*. A intenção era bôa, mas eu não quiz saber. Ah, meu caro amigo, agarrei na minha espingarda pela *Coronha* e deilhe uma *Lunda*, uma *Lapónia* tão grande... Deitei-lhe uma *Compostela* abaixo que nem *S. Tiago* lhe valeu!

FERRO — Isso é que são as suas aventuras?

COSMOPOLITA — Não, senhor. Uma aventura autentica vou-lhe eu contar *Angora*. Eu já fui tambem um jornalista notavel...

FERRO — Nunca ouvi falar.

COSMOPOLITA — E' porque o sr. não se *Alhambra*. O meu jornal mandou-me a *Paris* entrevistar determinada pessoa sobre o *Liverpolio* dos tabacos. Aceitei a missão de bom *Leninegrado*. Ir a *Paris!* Andei dois dias em *Loandas* para tirar os passaportes. Por fim, fiz as *Malagas* e parti. Mal cheguei, fui procurar o homem. A' *Sublime Porta* da rua estava a porteira, muito mal encarada com uma *Varsovia* na mão. Subi. Era uma casa muito bem posta. Logo na *Salonica* da entrada uma riquissima *Constantinopla* de armas. Bati á porta. Veio a criada. Sabe o que ela me disse?

FERRO — Não sei.

COSMOPOLITA — Não póde falar ao meu patrão. O meu patrão está no *Tibet*. Fiquei desanimado. Nisto aparecem duas *Amsterdamas*, verdadeiramente *Baleares*. Uma delas, então, tinha umas *Lenegambias* que eram mesmo uma vergonha. Mas fôram amaveis, mandaram-me entrar. Houve chá, servido num *Stambul* de prata. Por sinal que era *chá da Persia*. A recepção que me fizeram *Belgradou-me* muito. Mas não fiz a entrevista.

FERRO — E' só isso que tem a contar?

COSMOPOLITA — O sr. não *Havre* mais a **Bukarest**. E se torna a dizer outra *Etiopiada, Mangolia*, logo, ouviu?

FERRO — Mas você podia ter feito uma cronica, voltando lá.

COSMOPOLITA — O sr. está *Molucas!* Não me recebiam! E eu não tenho por costume *Scutari* ás portas! Quanto ás cronicas isso é para o sr.. Faz ás vezes umas que são memo uma *Budapest*, uma verdadeira *Praga!*

FERRO — De maneira que as suas aventuras param aí!

COSMOPOLITA — Está enganado. Doutra vez, estando em *Paris*, tambem, no Carnaval, resolvi ir divertir-me. *Madgascarei-me* e como chovia chavia *Nicaragua* e *Bolama* que era uma coisa por demais! Tomei um taxi. Por sinal que no caminho rebentou uma camara de ar. O que valeu foi o *chauffeur* trazer uma *Rodesia* sobresselente. Fui primeiro ao barbeiro fazer as *Bessarabias*, que estavam um pouco *Irkustky*. Fez-me conduzir a uma chá *Dantzig*. Tomei uma mesa e pedi leite com *Macau*. Na mesa ao lado, estava uma rapariga encantadora. Tinha um cólo *Melburne* e trzia uma *Bosnia* na cabeça. Eu que afinal seu um espirito *Simplour* fiquei maravilhado...

FERRO — Estou a vêr que o sr. tambem é poeta?

COSMOPOLITA — Sim, senhor. Sou um viajante *Dublin* de poeta. *(muda de tom)* Fui buscá-la para dançar, entusiasmado. Era uma rapariga *Ingénova* e *Singapura*, mas *Argelida* que eu sei lá! A certa altura fiz-lhe *Córsegas*. Ela gritou: «Ai que comichão!» Faz ideia do que eu lhe respondi?

FERRO — Não.

COSMOPOLITA — Uma frase finissima: «Se sente com chão, *Escocia*, minha senhora, *Escocia!*» De repente aparece-me um *Matoulon* pela frente. Os olhos deie *Andaluziam* de furia. Fiz logo *Alpes*. E ele gritou-me: «Você está a dançar com minha mulher! Eu já o ensino». Não perdi o sangue frio! Aproximei-me duma mesa e dei-lhe com um *Copenhague* nas ventas. Houve borborinho e eu aproveitei a confusão para fugir com a pequena num automovel...

FERRO — E depois?

COSMOPOLITA — Depois, foi uma *Alandelunia* colossal!...

FERRO — Acredito.

COSMOPOLITA — Mas sabe como terminou a aventura? Por uma nasioaha scena de *Fiume*...

FERRO — Isso é que dava uma cronica esplendida!

COSMOPOLITA — Despréso essa literatura *Hamburguesa*. *(estende-lhe a mão)* *Vladivostoque* nestes ossos. Vou procurar um amigo, que devia *Guadalquivir*, mas ainda não veio.

FERRO — Ouça cá, como é que o sr. consegue dizer tanto disparate em tão pouco tempo?

COSMOPOLITA — E' que eu sou um rapaz muito Bósforo. Isto sai-me todo da *Ukrania!*

FERRO — Sempre quero vêr o que se segue agora...

COSMOPOLITA — Agora... *(ao publico)* *La Palmas!*

O QUE SE LÊ

O LIVRO
de Albino Forjaz de Sampaio
"Porque me orgulho de ser português,,
foi traduzido em inglês

O patriotico livro que Albino Forjaz de Sampaio publicou com o titulo de *Porque me orgulho de ser portuguès,* **viu rapidamente exgotados os seus mil exemplares das suas duas primeiras edições e acaba de aparecer nas livrarias em 3.ª edição que atinge o 10.º milhar. Cantico eloquente e patriotico, onde passam triunfalmente as virtudes da nossa raça, a belesa da mulher portuguesa, as conquistas que fizemos, os encantos da nossa paisagem, as maravilhas do nosso verbo, adquiriu agora, mercê do acendrado patriotismo de um dos nossos diplomatas a sua divulgação em lingua inglesa. E' uma edição notavel, luxuosa, impressa em papel magnifico, com a capa a duas côres onde se vê a coroa emblematica do seculo XVIII, intitulada "Why I am proud of leing portuguese,,. Assina a tradução o dr. Mario do Nascimento, que é uma das figuras de maior valor real no nosso corpo diplomatico.**

O dr. Mario do Nascimento é medico, e foi nomeado adido de legação em 1901, servindo em Londres sobre a chefia do marquês de Soveral. Foi seguidamente diplomata em Roma, em Pekim, em Changai, em Cantão, em S. Francisco da California, em Berlim, sendo em 1922 promovido a 1.º secretario e conselheiro de legação. Esteve depois em Varsovia e ultimamente em Tanger de onde veio para o ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde actualmente exerce a sua actividade.

Do livro de Albino Forjaz de Sampaio, transcrevemos o prefacio da 3.ª edição agora posta á venda:

Prefacio da 3.ª edição

Mal calculava eu, ao sair, em fevereiro, a primeira edição deste livro, que poucos meses volvidos estaria prefaciando a 3.ª e que o publico tomaria das livrarias os seis mil exemplares que as duas primeiras representam. Mal calculava o exito, e bom sintoma ele é, seja isto dito como incentivo a futuros escritores que queiram louvar a Patria e cantar-lhe suas belezas e primores.

Bom é, que as nossas letras andam bem necessitadas de livros tonicos, livros encorajantes, livros fagocitarios, renovadores de energia, fomentadores de confiança, visionadores de heroismos, criadores de um orgulho consciente, europeu, civilisado. A hora é incerta, torvelinhosa e ai dos fracos que de antemão estão condenados. A selecção apressa-se por que a vida é já vertigem. Morrerão os individuos, desaparecerão os povos, uma raça cederá o logar a outra raça. E só ficarão os fortes.

O meu pobre livro visa a criar esse orgulho patrio que faz os povos fortes. Que outros venham e repitam ao sabor do seu talento a palavra sagrada que leva ao triunfo. Que todos se agremiem, e na Arte, na Industria, no Comercio e na Agricultura, em terra, no ceu e no mar essa palavra crie um espirito heroico de trabalho, de coesão e de esforço. E então surgirá sem custo o Portugal que todos queremos, a Patria generosa e forte que todos desejamos e passamos a vida a sonhar.

CAMEL O «AZ» DOS CIGARROS AMERICANOS

TORPEDO
a melhor das maquinas de escrever
J. Anão & C.ª, Limitada
Rua dos Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

A Cidade

DR.ª SARA BENOLIEL
Especialisada nos Hospitais de Berlim, Viena e Paris, em
DOENÇAS DAS CREANÇAS
Consultas: Segundas, q e uartas sextas-feiras, das duas ás quatro h.
R. DO SALITRE, 161—Tel. N. 1301

RECLAMAÇOES

A VISITA

de três membros do governo

ao importante concelho de Coruche

e o mau estado das estradas

A visita feita a Coruche pelos srs. ministros da Guerra, Agricultura e Comercio, teve a caracteristica do pitoresco local e a significação dada, pelos seus habitantes, a um convite destinado á demonstração pratica das suas necessidades.

Os detalhes da visita ministerial já foram dados pelos nossos colegas da manhã, restando-nos apenas registar os seus aspectos regionais e, muito principalmente, insistir na justiça das pretenções da activa vila ribatejana.

Estas resumem-se a uma unica, e tão imperiosamente urgente que por ela espera, não a vila de Coruche, mas todo o pais.

Trata-se da pretendida ponte sobre o Sorraia, ligando os grandes celeiros nacionais—as provincias da Extremadura e do Alemtejo.

Esta justissima ambição foi o tema de todos os discursos que se fizeram desde a recepção nos Paços do Concelho até ao almoço do "Monte da Barca„ e ao banquete que encerrou o programa das festas ribatejanas em honra dos seus ilustres hospedes.

De entre os oradores, devemos especialisar os ministros visitantes e general Domingues, todos aplaudidos e, muito especialmente, o titular da pasta da Guerra que, desdenhando o exito facil da promessa da ponte, promessa tantas vezes feita e incumprida, preferiu fazer notaveis afirmações de elevado patriotismo, acentuando que "a crise é, principalmente, de caracter, e mais moral que material„.

O sr. Arcebispo de Evora, convidado a assistir á jornada coruchense, proferiu duas orações escutadas com profundo respeito e coroadas de quentes ovações dos naturais e visitantes.

Foram igualmente notaveis os discursos: do sr. capitão Luiz Alberto de Oliveira, com grande brilho e elevação; presidentes das Camaras de Coruche, Lisboa, Santarem e Montemór-o-Novo, e lavradores Antonio Teixeira e Mario Mendonça.

Foi o primeiro destes senhores o encarregado de receber os ministros e a sua comitiva no alto da Senhora do Castelo, onde os sinos repicaram e os foguetes estralejaram, ao tempo que o sr. José Curado dava as boas vindas em nome da respectiva Irmandade.

Ao segundo se deve a festa do "Monte da Barca„, com lindas moças ribatejanas vestindo a saia rubra de Almeirim e bailando "fandangos„ e "bailaricos„ com o abegão e os "campinos„, na sua tipica e cavalheiresca indumentaria—calção e meia, como os senhores do Paço.

E a visita á importante albufeira do Monte, captação de aguas destinadas á irrigação, foi seguida do banquete, que terminou com a partida para a estação de Coruche, num cortejo feérico, em que os campinos, que durante o dia fizeram guarda de honra, punham uma nota colorida e luminosa com os archotes que lhes desenhavam, na noite, as fardas bizarras.

O *Diario de Lisboa*, que teve as honras duma estribeira, representativa de três tradições dinasticas locais—Patricios, Raposos e Brancos, confessa-se reconhecido á laboriosa vila, que bem merece a satisfação da sua justa pretenção—a ponte sobre o Sorraia.

CARTA DE SEVILHA

A nova GERAÇÃO é contra azuis e contra encarnados

SEVILHA, Março.—A neutralidade espanhola durante a guerra recebeu uma significativa influencia dos seus bons amigos, os alemães. O metro latino foi substituido pelo colossal alemão. Todavia, como não podia deixar de ser, foi respeitado o estilo catolico-oriental desta encantadora Andaluzia. A Espanha está projectada por uma excelente objectiva Zeiss.

Ora, como se sabe, os alemães não trouxeram para Espanha o seu capital; em compensação, eram os portadores de uma organização cujos segredos eles confiaram em retribuição á hospitalidade espanhola durante a guerra. Isto faz-me pensar que os aliados de Portugal são pouco delicados com os sacrificios feitos por nós em favor do que possa chamar-se uma causa comem. Não tendo sido nós de maneira nenhuma, indiferentes no conflicto europeu, estamos, comtudo, economicamente vexados diante dos que fôram neutrais, e absolutamente vencidos em comparação com os que fôram derrotados. Porém, as culpas não são daqueles a quem juntámos os nossos esforços para um futuro melhor, nem tampouco dos que pela nossa atitude ficaram nossos inimigos; as culpas são de não haver sentido ou sentidos nos nossos esforços quotidianos de portugueses. As culpas não passam das nossas fronteiras. Umas centenas de portugueses pintam de azul ou de encarnado o seu patriotismo, condição sem a qual côr não servirão o país. Isto é tão pouco e apenas como fica escrito. E o resultado é que a nova geração que aparece não entende os esforços da nação, e acontece que os novos valores, os quais hão-de forçosamente, seguir uma evolução, desde o momento que constatem estarem divorciados da competencia oficial, na impossivilidade de a combater ou modificar, ficam reduzidos ao grito de não se deixarem morrem asfixiados na propria Patria. Este é o lindo resultado dos azuis e encarnados, essas centenas de portugueses que não encontram no dicionario sinonimos bastante duros com que possam ser ofendidos e castigados.

Ao sair de Portugal, tive grande prazer em constatar que a onda nacionalista é melhor do que pódem supor. Até que enfim! Até que enfim vão surgindo aqueles que, não sendo azuis nem encarnados, já não serão acusados de indiferentes.

Pelo contrario, tanto encarnados como azuis hão-de ficar surpreendidos com aqueles que de todos os cantos de Portugal vêm aparecendo cheios de mocidade, de juventude e de consciencia, vendo claro na vida, curiosos de sabedoria, feitos decididamente para a honra de Portugal e indiferentes sim, mas a ninharias, a asneiras entre parentes e a tesouras de bairristas. A nova geração surge impassivel com um grito unico: Viver! Isso mesmo que os governos nunca pensaram que fôsse o unico desejo da nova geração: Viver! A nova geração está farta de trevas provocadas por azuis e encarnados e quere unanimemente que Portugal seja uma nação respeitada em todo o mundo e de maneira nenhuma um terreno de apostas.

Apostas dos de dentro e apostas dos de fóra.

Seja qual fôr o governo, tem que saber o que querem os novos.

Os novos é todo o Portugal de amanhã, aqueles todos que vão começar hoje a viver. E como o problema da nação não é apenas o da ordem publica mas, sobretudo, o desenvolvimento da indole portuguesa, façam os governos aquilo por onde deviam ter começado: eduquem a mocidade, protejam-n'a, estimem-n'a, ouçam-lhes as confidencias, as ilusões, as admiraveis ilusões que são todo o instinto embrionario de uma raça de grandes e antiga de oito seculos.

Os sentidos da nossa raça têm, por direito de antiguidade e de constancia, uma nitidez e um argucia que excede o valor pessoal dos novos que as patenteiam. E são esses valores constantes da raça que os governos devem levar em conta, acima de todos os pretensos problemas da nossa terra. Porque o que aconteceu foi que os governos, rapidos e extremamente zelosos pelas circunstancias ocasionais, deixaram perder-se a maior força de uma nação ou seja a continuidade dos caracteres da raça, a sequencia natural que o heroico esforço da Historia em nós ressuscita e faz exigir em nós uma atenção, uma ambiencia, um campo de obediencia, o qual é crime se não fôr o primeiro cuidado dos governos.

Porque nunca ninguem poude valer isolado, seja uma pessoa, seja uma nação. E a maneira de não haver isolados, isto é, a maneira de não se perderem os valores individuais é poderem ser utilisados pela sua propria nação; e a maneira de uma nação comunicar com o mundo é ter valores originais para estabelecer a troca.

Deus queira que os governos reparem (e já é tempo) de que não ha outro problema a não ser o de coordenar os novos valores da raça. Tudo o resto é fazer de outra maneira o que não serve para nada. Não se trata agora de uma questão de ganas, mas sim de um gesto colectivo de abnegação, de inteligencia e de valor.

Almada Negreiros

A compra das fazendas ao proprio fabricante é o melhor meio de combate contra a carestia do vestuario.
PEÇAM AMOSTRAS directamente á Fabrica de
Manuel Jeronimo de Matos, Suc.
COVILHÃ

DR. FRANCISCO D'ASSIS BRITO
Doenças dos pulmões — Clinica geral
Av. da Liberdade, 54, 2.º
ÁS 16 HORAS

Abajours e almofadas para sophá
Fazem-se de todos os feitios. Preços economicos. Vai a casa tratar.
Rua Castelinhos, n.º 2, 3.º

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pelos teatros

Berta de Bivar

E' hoje que se realiza no Teatro Nacional a festa de homenagem á ilustre artista Berta de Bivar, hoje considerada uma das nossas melhores actrizes. Vai interpretar no celebre drama «A morte civil», que hoje pela primeira vez se representa, o papel criado por Inez Cristina. O protagonista de «A morte civil», será interpretado por Alves da Cunha. A distribuição é a seguinte: «Elisa Molvini», Berta de Bivar; «Consuelo», Branca Richetti; «Conrado Broski», Alves da Cunha; «Dr. Palmieri», Sacramento; «Abade Santarelli», Carlos de Oliveira; «Fernando», Ribeiro Lopes; «Gaitano», João Calazans; «Um criado», Carlos Shore.

Tres cartazes

No proximo domingo, apparecem em varias esquinas da capital tres cartazes modernistas do famoso caricaturista francês Nat. São três magnificos desenhos a que serviram de modelo Jean Sarment, Marguerite Valmond e Marcelle Géniat. E foi com estes cartazes que Nat obteve em Janeiro a medalha de honra do affiche de 1926.

—Apanhei o premio dos azes—declarou Nat—por que desenhei tres azes...

Lisboa verá, brevemente, se a frase do artista está certa.

«O senhor doutor e seu marido»

Volta a scena terça feira no Teatro Politeama, a interessante peça «O senhor doutor e seu marido», que este ano constituiu o maior exito teatral. Tanto Ilda Stichini, no admiravel desempenho do papel do «Doutor Bolbec», como Alexandre de Azevedo no de «Senhor Bolbech» tudo concorreu para o sucesso da peça nos restantes papeis entram: Raul de Carvalho, Antonio de Melo e Artur de Sá.

«O senhor doutor e seu marido», só se representa terça e quarta feira.

«Secretario dos Amantes»

Por falta de espaço, só depois de amanhã publicaremos a critica á nova revista por sessões «Secretario dos Amantes», que ontem se estreou, com grande exito, no Foz.

Atrás do reposteiro

Lucilia Simões, que ha meses não representa, reaparece na peça «Os dois maridos da senhora», com que faz a festa o actor-emprezario Erico Braga, no teatro da Trindade. Além de Erico Braga, entram na peça os artistas Amelia Pereira, Maria Sampaio, Irene Isidro e Joaquim Almada. Lucilia Simões vai criar o papel interpretado em França pela artista Jane Remonard.

Quarta-feira realiza-se no teatro Apolo a festa artistica da actriz Margarida Ferreira, com a opereta «Mouraria».

E' no dia 5 de maio que inicia a pequena «tournée» que vai fazer pela provincia a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

Foi hoje posto á venda mais um numero da revista «de Teatro», inserindo curiosos artigos e cronicas e a peça «O homem e os seus fantasmas», de Lenormand, versão livre do nosso camarada de redacção Alvaro de Andrade.

Estreia-se segunda-feira no Funchal, com a peça «Zilda», de Alfredo Cortez, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

A peça «Entre os lobos» da hoje e amanhã, no Teatro S. Carlos, as suas duas ultimas representações.

Para que as receitas da Semana Santa, no Coliseu dos Recreios, promovidas pelo Gremio dos Artistas Teatrais, a favor dos seus cofres—receitas que estão despertando grande interesse resultem brilhantissimas, todas as empresas teatrais de Lisboa, num gesto digno do maior registo para com o Gremio e, consequentemente, para com todos os artistas teatrais, resolveram não dar espectaculos nos proximos dias 14 e 15.

No Coliseu dos Recreios realiza hoje a sua festa artistica o «dresseur» Truzzi, despedindo-se amanhã á noite a Grande Companhia de Circo.

Foi marcada para o proximo Sabado de Aleluia, no Variedades, a «première» da comedia «A Sagrada Familia».

Laura Costa vai interpretar na revista «Reviravolta», em ensaios no Maria Vitoria, entre os cinco papeis que lhe foram distribuidos, um que se intitula «Miss Portugal».

A Companhia de Revistas e Feeries Esperanza Iris, genero Velasco, estreia-se no Trindade, no dia 28 do corrente.

O SACRIFICIO HEROICO

O Marechal Go

CONTA-NOS C

as duas ofensivas

Com a inutilisação da Russia para a guerra, a situação militar dos alemães, nos fins de 1917, melhorára consideravelmente e fazia-lhes renascer as esperanças de forçar os aliados á paz, por meio duma grande acção militar. Nunca a Alemanha tivera tão grande superioridade de forças. Precisavam, portanto, abandonar a defeza pura em que se tinham conservado nos ultimos tempos no "front„ ocidental, e que tanta gente lhes tinha levado. A sua infantaria perdera os oficiais e praças dos bons tempos da disciplina de ferro, e agora, os contingentes novos que pejavam os regimentos, tinham o aspecto dumas milicias más que a falta de disciplina relatara.

Por seu lado, os Exercitos da Entente achavam-se bem providos, não só de soldados, como tambem de material de toda a especie, que lhe dava uma superioridade esmagadora.

E, além disto, outro factor importante havia: *O ataque levanta o moral das tropas; a defeza deprime-o. A ofensiva é a afirmação de superioridade, e só essa convicção dá o entusiasmo, o élan, a confiança de que o soldado precisa.*

A preparação da ofensiva

Passaram os alemães o inverno de 1917-18 na preparação do seu Exercito para a ofensiva que queriam executar. Começaram por coordenar e publicar "*a batalha ofensiva na guerra de posição*„, como no ano anterior tinham condensado os principios tacticos *da batalha defensiva.* Foram buscar ás *ordenanças* de antes da guerra os excelentes principios da ofensiva, e completaram-as com as conclusões da experiencia adquirida nos ultimos anos, dispondo-as por fórma que, sem fazer perder o *élan* ao ataque, se conseguisse reduzir as perdas.

Ao passo que na defeza se trata de obter no terreno, uma densidade de forças proximamente uniforme, por isso que se não pode prevêr qual o ponto de ataque principal do inimigo, trata-se, no ataque, de definir bem qual o ponto decisivo, para assim se estabelecer uma base de repartição das forças.

Na guerra de trincheiras, as partes dominantes do terreno tinham perdido muito de importancia. Demonstrara-o a batalha de Arras, onde fôra possivel ás tropas manterem-se em posições completamente descobertas ás vistas do inimigo. Por vezes se julgou impossivel manter uma posição sem que se tomasse tal ou tal altura, e verificava-se depois que assim não era. Já, porém, o mesmo não sucedia em guerra de movimento: a conquista das eminencias do terreno constituiam, por vezes, até, um sucesso decisivo, que era preciso obter.

Era preciso inocular de novo os principios de desenvolvimento e marcha para o combate, e lembrar o aproveitamento de terreno; lembrar que a linha avançada de combate tinha de ser guarnecida por pequenos efectivos, mas constantemente alimentada pelos reforços escalonados em profundidade. Havia que empregar formações maleaveis e treinar bem a infantaria na tactica dos grupos de atiradores, e fazer compreender a impossibilidade absoluta do emprego das formações densas, tão uteis em tropas pouco exercitadas, mas que, com a potencia dos fogos de artilharia e infantaria, se não podem usar.

A metralhadora ligeira tornou-se parte integrante da companhia de infantaria. A principio considerada como uma auxiliar da inf.ª, tornou-se a metralhadora ligeira o *verdadeiro infante,* passando o infante de outr'ora a ser apenas, o *portador de arma;* pela sua potencia de tiro, correspondente á da espingarda, a metralhadora tornou-se sucessivamente e á medida do desenvolvimento do seu emprego, o principal instrumento de fogo da infantaria. Isto não quer dizer que simples infantes armados de espingardas não tenham que atirar.

A metralhadora ligeira e o *fuzileiro ou espingardeiro,* como queiram designar o infante armado de espingarda, passaram a ser reunidos por grupos de atiradores, que deviam ficar solidamente ligados em todos os perigos e privações; e o poder agressivo destes grupos foi ainda aumentado com outras armas portateis de tiro rapido, e com granadas de espingarda.

A *metralhadora pesada,* de maior alcance e superior rendimento, teve a missão de, mantendo o adversario sob o seu fogo, facilitar aos grupos de atiradores amigos, a sua marcha de aproximação de posição para posição. Por isso, devia seguir á infantaria no seu avanço; e, posto que fizesse parte integrante desta arma, passou a ser para ele uma especie de *arma de acompanhamento.*

A segunda arma de acompanhamento foi o *morteiro-ligeiro,* de emprego contra objectivos proximos, que oferecem certa resistencia. Criado para a guerra de posição, em cêpos, passou a andar em carreta, e foi adaptado ao tiro directo, por meio dum vizor especial.

Esta arma de acompanhamento, não bastava, todavia, para permitir á infantaria o prosseguimento no seu penoso avanço, sem sofrer grandes perdas. Naturalmente, uma poderosa preparação pela artilharia, precedia o ataque; mas essa, nem tudo podia bater, deixando ficar do lado do inimigo muitos *ninhos* de resistencia, que se tornava preciso destruir, um após outro, por meio dum tiro mais proximo. Foi essa a razão porque os alemães, acudindo á divisão de infantaria, deram peças de artilharia de campanha, que foram adstritas aos batalhões e regimentos, como *peças de acompanhauento ou canhões de infantaria;* nisto, porém, o progresso foi muito lento.

Cada batalhão de infantaria dispunha, ainda, de uma *companhia de morteiros médios,* tornados o mais moveis possivel, e os *lança chamas,* para o ataque de perto, ás guarnições dos abrigos e caves.

Dotou-se ainda a infantaria, com grande quantidade de automoveis, para o seu transporte rapido a grandes distancias, o que permitiu conservá-la longe do campo de combate, até ao momento em que tinha de entrar em acção, avançando então rapidamente para o ponto donde se lançaria ao assalto.

Assim, á quantidade de automoveis que a guerra moderna exige para o transporte de viveres, munições e material diverso, veio juntar-se ainda mais esta.

Surgem os «Tanks»

Apareceram tambem os *Tanks,* que intervieram eficazmente na batalha de Cambrai, talvez porque o sector em que operaram estava fracamente ocupado e mal provido de artilharia. Em varias ocasiões tinham eles prejudicado bastante a infantaria, mas sem que, comtudo, conseguissem resultados decisivos. Nos combates de Bourbon, a infantaria teve ocasião de pôr fóra de combate os *Tanks* inimigos, com o emprego de cargas explosivas. A artilharia destruiu-os a tiro; as balas de aço das metralhadoras atravessavam-nos. Mas as grandes armas contra os *Tanks* são nervos rijos, disciplina e intrepidez. Estas qualidades permitiram aos soldados assaltar os *Tanks* e atacar as guarnições á queima-roupa. Só para o fim da guerra, quando a disciplina do soldado alemão rareou, é que os *Tanks* empregados em massas, e acompanhados por nuvens de fumo, tiveram uma desastrosa influencia na marcha dos acontecimentos militares.

Todavia, é bom notar, que a impressão produzida pelos agrupamentos de *Tanks* em marcha, não é tão grande como se podia esperar. E o facto é que os agrupamentos de *Tanks* em combate, sofrem grandes perdas, sem obterem resultado pratico.

Para apoio da infantaria, criaram-se os grupos de *avião de combate.* Estes grupos, descendo de grande altura, e voando perto do solo, atacavam á metralhadora e granada ou bomba, as linhas de infantaria inimiga, a artilharia, as regiões, comboios, etc. Destinadas, a principio, a acompanhar a infantaria, estas esquadrilhas de combate desempenharam, depois, importantes missões tacticas; e a aviação conquistou um novo campo de acção de maior interesse. Já os aviões não eram apenas orgãos de reconhecimento, que teriam de sustentar combate no decorrer do desempenho das suas missões, ou com emprego nos bombardeamentos; passaram a ter, como a infantaria e as outras armas, uma intervenção, um papel definido no combate. E como instrumento de combate, passaram a ser uma arma de destruição, com missão especial na batalha. E este passou a constituir o seu verdadeiro fim, tornando-se o combate aereo, um meio apenas para o conseguir.

A grande *preparação pela artilharia,* antes da entrada da infantaria no combate, teve uma importancia capital. Foi preciso por vezes, para um ataque,—sem ser de grande frente,—meter em linha 20, 30 e mais baterias, isto é cêrca de 100 canhões por quilometro de frente! Eram numeros em que ninguem pensava antes da guerra, e menos ainda na massa de projecteis com que estes canhões cobriam o terreno a percorrer pelo adversario nas suas posições. Pode realmente chamar-se a isto—*acção por massas!* E, comtudo, apesar dessa massa de ferro e chumbo com que se cobriu a posição do adversario, ainda a infantaria tinha que fazer!

Esses formidaveis agrupamentos de artilharia e respectivas munições, avançaram para as primeiras linhas, porque só assim puderam os seus tiros actuar longe, sôbre as linhas inimigas, sem terem de mudar de posição. Mas a artilharia não se podia manter longo tempo na mesma posição, porque apenas descoberta, a artilharia inimiga bem depressa fazia saltar as peças que não estavam protegidas.

A regulação do tiro tambem se não podia fazer como outrora; a atenção do inimigo seria imediatamente atraida, e o combate de artilharia seria encetado antes da batalha, e em condições desfavoraveis.

Tornou-se pois preciso encontrar um metodo que atendendo a estas circunstancias, garantisse á artilharia uma acção eficaz sem regulação previa. Nas batalhas defensivas dispensou-se a obcecação permanente do tiro de barragem. Bastava conhecer as condições atmosfericas (ventos, peso do litro de ar), as caracteristicas de canhão, (volume de camara do cartucho, estado da arma) e atender em cada tiro a esses dados; organizou-se, por isso, o serviço meteorologico da artilharia em ligação com o general comandante das forças aereas, e assim se poude fazer chegar rapidamente a cada bateria um boletim meteorologico. Tambem se definiu á rectaguardo do *front,* pelo tiro, a região especial para cada peça actuar. E assim foi possivel, com o auxilio de tabua muito simples, determinar a correção a fazer para cada peça, e para cada objectivo. Era porem, para isto, preciso conhecer as distancias, e possuir uma carta perfeita, na qual os pontos representando no terreno o centro de todas as baterias, estivessem marcadas por meio de operações topograficas e calculos trigonometricos, e onde tambem se achavam marcados, com a maxima precisão, todos os objectivos. Estes ultimos postos eram obtidos, ou pela fotografia aerea, ou pelos serviços de avaliação pela luz e pelo som. Tudo isto constituiu um formidavel trabalho, que encontrou a principio a maior oposição da parte dos artilheiros.

O processo do ataque consistiu em lançar a infantaria ao assalto, após um fogo de artilharia de algumas horas apenas, de duração, durante o qual a infanteria se conservava abrigada e concentrada nas primeiras linhas. Este fogo curto e violento devia paralizar a artilharia inimiga, não só directamente,

Marechal Gon

mas tambem pelo emprego de gazes espalhados em largas superficies; e tinha ainda por missão, não deixar sair dos seus abrigos a infantaria adversa.

Quando o ataque da infantaria começava, a artilharia amiga, continuando a dominar a artilharia inimiga, precedia a infantaria com uma poderosa vaga de ferro, a abrir-lhe o caminho. Para que isto tivesse resultados positivos, era porém necessario que a infantaria se conservasse, por assim dizer, *colada* a essa muralha de fogo de artilharia. E assim o fez, com maravilhosa audacia, a infantaria. Chegada ao objectivo, a infantaria iniciou o combate, sob a abobada de fogo estabelecida pela sua propria artilharia, em ligação com todos as armas de acompanhamento, com a infantaria adversa que saiu dos seus abrigos logo que passou a *barragem solante.*

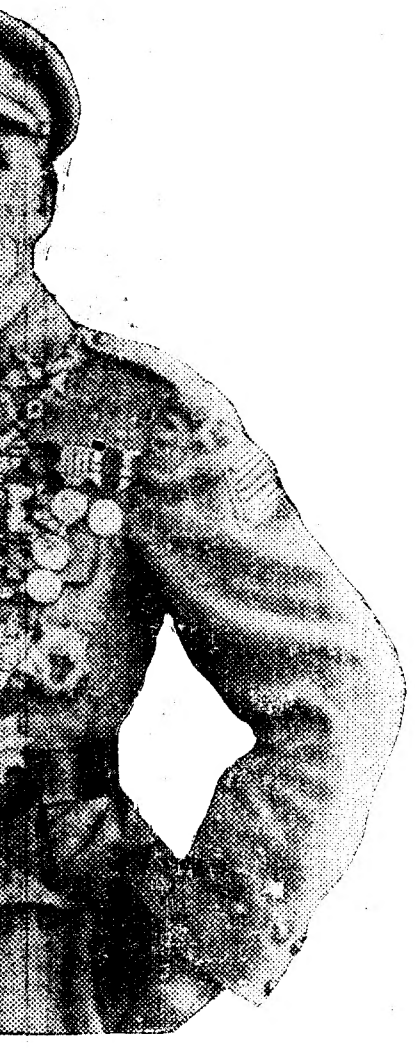
E' evidente que quanto mais colada á barragem avançar a infantaria, mais probabilidades tem de cair sobre o inimigo antes que este tenha tempo de sair dos abrigos, e portanto maior seria a surpreza. A barragem prosseguiu depois, sempre com a mesma velocidade que tem a infantaria combatendo. Esta velocidade, tem de ser regulada antecipadamente, porque apesar de todas as exigencias e calculos, não é possivel dar praticamente ao tiro, um ritmo conforme o desenvolvimento da batalha. A configuração e a natureza do terreno tem

O DOS PORTUGUESES

omes da Costa

O QUE FORAM

s alemãs de 1918



mes da Costa

de entrar em linha de conta para se afirmar a progressão da infantaria, e para regular, portanto, a velocidade de barragem volante.

Linhas mais fortes, exigem uma maior incidencia de barragem sobre elas; chegou a firmar-se a duração de uma hora por cada quilometro de profundidade, a fim de que a infantaria não perdesse o contacto com a barragem, porque, então, tornava-se preciso trazer a barragem novamente para traz, o que era dificilimo e representava perda de tempo e de gente.

Com o aumento de distancia, a barragem perdia de intensidade, pois que parte da artilharia cessava fogo pelo seu alcance insuficiente, e assim, a barragem acabava por si. A infantaria, então, avançava sem protecção: dai a necessidade de avançar então aartilharia e tomar novas posições e recomeçar a preparação.

Apesar de quantas armas de acompanhamento com que a dotaram, e dos seus canhões, a infantaria não podia renunciar a esta preparação. Tambem se não podia prever como se daria o combate da infantaria ao sair da barragem volante. Seria preciso organisar metodicamente o avanço duma poderosa artilharia e duma quantidade de munições maior ainda. E a questão das munições foi sempre grave. Fazer atravessar por numerosos camions o sistema de posições proprio e o do inimigo, com as suas trincheiras, rede de arame farpado, profundas crateras, constituia um trabalho em extremo dificil. Eram necessarios minuciosos preparativos e uma enorme acomulação de material para lançarem pontes bastantes em todo o terreno a percorrer.

Quanto mais progredia o ataque, mais tomava o caracter de guerra de movimento. Se nos combates defensivos os chefes de graduação superior tinham de conservar-se á rectaguarda para poderem dirigir o combate, deviam agora, nestes ataques, passar para a frente, e tanto mais para a frente, quanto mais movimentada fôsse a guerra.

Ai o chefe tinha de tomar decisões rapidas, e em muitos casos, arrastar os homens pelo exemplo pessoal.

Por vezes, como sucedeu na Roumania e na Italia, a guerra de movimento esbarrava num novo *front*. Passava-se, então, novamente á defensiva, escalonando-se as tropas em profundidade.

O momento preciso para efectuar esta transformação, é que se tornava dificil definir, e por vezes sucedia, travarem-se inuteis combates.

Os grandes ataques mostravam a importancia do avanço simultaneo dos reabastecimentos de toda a especie. Tornava-se indispensavel fazer todos os preparativos para que o ataque pudesse sempre progredir para além do sistema de posições, com caminhos de ferro, estradas, linhas telefonicas, e obter a ligação pronta com as instalações correspondentes do territorio conquistado. E foi preciso intruir as tropas para os novos processos; houve que organisar cursos para os comandantes das grandes unidades e oficiais do E. M., e para os oficiais de grau inferior e sargentos, até aos chefes de grupo, cujo papel é tão importante para o sucesso do ataque. Desenvolveu-se, pois, uma enorme actividade, que começou nas escolas de recrutas e terminou nas manobras de todas as armas e exercicios de tiro, onde as tropas de exercitaram a avançar atraz da *barragem volante* com granadas reais.

Tratou-se de reforçar a disciplina, base de organisação militar, e principio essencial do sucesso. E tanto maior atenção era necessario prestar-lhe, quanto era já para notar a influencia deleteria exercida pela população civil sobre o exercito. Como durante o tempo de paz, a *instrução individual* do soldado tinha uma importancia muito especial, e foram-lhe prestados os maiores cuidados.

Nos preparativos para *a ofensiva*, não esqueciam porém as medidas a dar á *defensiva*, pois se tem de contar sempre com os contra ataques inimigos; conservaram-se os principios assentes na defensiva, mas adoptaram-se medidas mais serias contra os *Tanks*.

Tambem se passam a empregar contra os *Tanks*, as armas de acompanhamento de infantaria, tanto no ataque como na defeza; e, particularmente, o canhão de campanha e o morteiro ligeiro, ligando-se especial importancia ao tiro directo e individual contra eles.

Com este intuito ainda, aumentou-se a dotação de metralhadoras pezadas em munições. Tambem se aumentaram os meios de destruição dos *tanks* pelo emprego de explosivos.

Prepararam-se as posições contra os ataques dos *tanks*, cortando estradas, organisando *ratoeiras*, colocando minas e canhões de defesa contra *Tanks*.

O mais dificil da preparação foi afazer as tropas ás funções diluidas.

As vantageus da ofensiva

Em janeiro e fevereiro foram retiradas das linhas, as divisões destinadas ao ataque na frente ocidental, para se consagrarem exclusivamente á sua preparação e equipamento. Não estava o comando alemão nas condições de fornecer de pronto a todas as divisões o material e os animais necessarios; teve de limitar-se a provêr aqueles que seriam os primeiros a atacar. Da mesma fórma se procedeu com as outras unidades de ataque, não endivisionadas: — artilharia do exercito, artilharia pezada, morteiros, etc. Foi determinado tambem, um aumento de ração aos cavalos das divisões de ataque.

Com as forças recolhidas de diferentes lados, contava o G. D. G. poder atacar uma frente ininterrupta de 50 quilometros. Eram precisas para ele 20|30 baterias, além dos morteiros, por cada quilometro. Despresando alguns pontos menos importantes, seria ainda possivel alargar a frente do ataque.

Os alemães tinham na frente ocidental, uma superioridade de 30 divisões; mas a superioridade efectiva não era tão acentuada, porque os aliados possuiam muito maior quantidade de armas especiais e de tropas territoriais Em todo o caso, nunca os alemães tinham estado tão fortes. Pensavam em empregar no ataque 50|60 divisões, embora tivessem de enfraquecer outros pontos do *front*.

A fraqueza numerica das divisões era notavel; a guerra defensiva moderna, produzindo maiores perdas que o ataque, reduzira-as muito; este facto das perdas menores na ofensiva, é ainda uma das razões de preferencia por esta.

Este mal, naturalmente, não era exclusivo dos alemães; os aliados viram-se nas mesmas dificuldades. No outono de 917, as divisões inglesas, ainda contavam 12 batalhões cada uma; agora, apenas tinham nove. A França, depois da batalha do Aisne e de Champagne, teve de dissolver mais de 100 batalhões, só do exercito activo e da reserva. Os americanos ainda não tinham chegado.

Embora o caso não fôsse para desesperar, o facto é que em março de 1918, o trabalho subterraneo de desmoralisação, fazia progressos nas fileiras alemãs. A classe 19, quando chegou aos depositos de recrutas, demonstrou logo o seu deploravel estado moral. O movimento revolucionario na Alemanha, fazia rapidos progressos: em Reinichendorf constituira-se o primeiro conselho alemão de operarios e soldados.

O valor da ofensiva

Escolher o ponto de ataque numa ofensiva como esta de 1918, sobre o front ocidental, é assunto assaz delicado. E por cima ainda, era preciso andar depressa, tudo prever, e tudo regular nos mais insignificantes detalhes: concentração de tropas numa zona de superficie restrita, transporte para os seus logares, de enormes quantidades de munições e material de toda a espécie, pelas vias ferreas, trabalhos a executar pelas tropas, tais como: calcetamento das posições para as baterias; camouflage dos caminhos; construção de abrigos para a aviação; reunião e distribuição do material necessario para activarem o sistema de trincheiras, e, finalmente distribuição a colocação nos pontos de partida, das tropas destinadas ao ataque.

Tudo isto exigia semanas de grande trabalho, e, contudo era preciso executar tudo por forma a não levantar suspeitas do lado do inimigo. E era preciso simultaneamente, executar tambem trabalhos analogos nos pontos da frente onde se não tencionava atacar, a fim de que no caso de suspeita da parte do inimigo, não percebesse este quais eram os pontos reais do ataque.

Finalmente, havia ainda que prever e realizar com prudencia um sistema inteiro de defesas na previsão de ataques provaveis.

Três sectores convinham aos alemães para o ataque:

Nas Flandres, de Ypres a Lens;

Entre Arras e S. Quentin ou Le Feu;

Dos dois lados de Verdun, deixando de parte a fortaleza.

Cada um destes sectores tinha suas vantagens e inconvenientes.

Em volta de Ypres e de Arras, tinham os Aliados numerosas forças; o mesmo sucedia diante da linha do Ailette e para E, até á região de Verdun; era a um e outro lado de S. Quentin que o front estava mais fracamente guarnecido.

Para um ataque ao Norte, era o terreno dificil. O vale do Lys, a O. de Lille, onde se pronunciaria o ataque principal, só era praticavel no verão, e com bom tempo; antes de meados de Abril, não se podia naquela região, marchar fora das estradas. Esta data, porém, achavam-na os alemães, demasiado distante, por causa da proxima entrada em acção das tropas americanas.

O ataque no centro, não tinha dificuldades de terreno, mas no decorrer da perseguição, havia que contar com os obstaculos que ofereciam os campos cheios de crateras da batalha do Somme.

O ataque sobre Verdun teria de desenvolver-se em regiões fortemente escarpadas.

O ataque no centro, sob o ponto de vista tactico, era o mais favoravel; incidia na posição mais fraca dos Aliados, e o terreno não tinha tanta dificuldade; e, de resto, podia realizar-se a todo o momento.

Estrategicamente era preferivel o ataque pelo Norte, por fornecer um objectivo importante e simultaneamente limitado, permitindo uma redução de frente, desde que se conseguisse tomar Calais ou Boulogne.

Analogamente, o ataque sobre Verdun podia produzir uma rectificação da frente, senão de valor sob o ponto de vista tactico.

O ataque no centro podia levar os alemães demasiado longe; mas podia evitar-se esse inconveniente levando o centro do ataque na região entre Arras e Peronne para a costa, conseguindo-se quebrar a frente dos Aliados e atravessando-a, o sucesso estrategico seria enorme por separar Ingleses de Franceses, atirando com aqueles ao mar.

Foi isto que fez decidir Ludendorff a atacar no centro. As considerações tacticas e as de tempo é que lhe ditavam a decisão que, de resto, procedia sobretudo, da fraqueza do inimigo e resolveu pois efectuar o golpe entre Croisilles a E. d'Arras, e Moeuvres, deixando de lado o saliente de Cambrai entre Villers-Guislain e o Oise, ao sul de S. Quentin; esta ofensiva seria acompanhada por um ataque local partindo de La Fere.

Designam-se as divisões de ataque e ordenam-se os preparativos.

Esses preparativos e direcção do ataque tornam necessaria a intervenção de dois Estados maiores d'Exercito, com novas inspecções d'étapes.

O E. M. do 17.º Ex.º, general Otto von Bulow, chefe E. M., general Brafft Dellminringen, foi colocado entre os 6.º e 2.º Exercitos em frente de Arras;

O E. M. do 18.º Exercito, general von Hutier; chefe do E. M. general von Sauberzweig, entre os 2.º e 7.º Exercitos, em frente de S. Quentin e de La Fere. Os limites entre os 17.º e 6.º Ex.º ficavam a meio caminho entre Lens e Arras, e entre o 17.º e o 2.º, nos arredores de Moeuvres; o limite do 18.º Ext.º com o 2.º ficou em Omignon e com o 7.º ao S. de La Feu.

O 17.º Exercito tinha, portanto, de atacar sôbre a linha Croisiles-Moeuvre; o 2.º e 18.º Exercitos entre Veilas-Guislain e La Fere; os 17.º e 2.º apoiar-se-hiam mutuamente, e por uma manobra das suas alas interiores, cortar o inimigo postado no saliente de Cambrai e seguidamente proseguir entre Croisilles e Peronne.

O 18.º Exercito, com a extrema esquerda do 2.º, cobria o grupo de choque do lado Sul.

O 17.º e 2.º Exercitos para o combate decisivo, ficaram ás ordens do comandante do grupo d'Exercitos, Kronprinz Rupprecht; o 18.º foi adstricto ao grupo do Kronprinz alemão.

Previu-se um alargamento do ataque para Norte, na direcção de Arras, e para o Sul até á margem esquerda do Oise. Determinaram-se ataques de divisão e preparam-se ulteriores ofensivas:

O grupo do Kronprinz Rupprecht, entre Ypres e Lens;

(Vêr continuação na 10.ª pagina)

O 9 DE ABRIL

No primeiro dia da grande batalha de La Lys morreram cerca de 7500 portugueses

(Continuação da pagina central)

O grupo do Kronprinz alemão, entre Reims e Argonne;

O grupo von Gallaritz, no antigo campo de batalha de Verdun;

O grupo do Duque Albrecht, entre Darrebourg na Lorena e Markirch, em Sundgan.

Todas as frentes ficariam na defensiva, caso o inimigo atacasse. Previra-se, para alguns pontos, o caso das tropas terem de recusar o combate, passando para as linhas da rectaguarda.

Trabalhou-se activamente na preparação, desde *Janeiro*. Logo no começo de Fevereiro fixou-se o dia do ataque—*21 de Março*. A situação militar tal como estava, não podia continuar; era necessaria uma decisão. Ludendorff, que visitou então o *front*, acentuou a importancia d'essa acção comum das alas interiores dos 17.º e 2.º Exercitos do grupo do Kronprinz Rupprecht, com o fim de cortar o saliente de Cambrai; tratou-se da *soldadura* dos 2.º e 18.º Exercitos, e os preparativos proseguiram sistematicamente.

Em principio de Março, o G. D. E. abandonou Krenznach e passou para Spa; era ainda longe, e por isso Ludendorff passou a secção d'operações para Aveanes, onde ficou o seu Quartel General provisorio, e para ali veio com o Feld Marechal a 18 de Março.

A 20 de Março, pela manhã, em toda a frente d'ataque marchavam em posição as baterias d'artilharia e de morteiros, com munições á mão.

As divisões de Infantaria estavam já, havia dias, á rectaguarda da 1.ª linha nas posições de partida que defrontavam com os seus pontos d'ataque, ao abrigo dos aviões, em formações cerradas.

Estas concentrações de 40/50 divisões fizeram-se de noite para não serem notadas pelos aliados, mas alguma cousa delas nos soaram aos ouvidos. O movimento de transportes foi intenso atraz do *front* Arras-La-Fere, mas do lado dos Aliados supunha-se que todo esse movimento cujo ruido se ouviu durante a noite, se dirigia para os lados do Somme, ou que se tratava da rendição de Divisões.

A 18 ou 19 de Março dois homens de uma companhia de morteiros alemães desertaram para as nossas linhas dando noticia de preparativos, sem contudo saberem precisar a que se destinavam.

Em certas frentes, como na de Lille e Verdun, a actividade da artilharia passou a intensificar-se.

A 20, ao meio dia, foi expedida a ordem para o ataque a 21.

O inicio do ataque

E a 21, ás 4 horas da manhã, rompeu a batalha por um poderoso fogo de artilharia, numa frente de 70 kilometros, entre Croisilles e La Fere.

O horario estava regulado uniformemente para os 2.º e 18.º Exercitos; o 17.º, que combateu sósinho, teve maior latitude.

Durante perto de duas horas, toda a artilharia alemã bombardeou as baterias inimigas; depois, parte dessa artilharia passou a bater as trincheiras, acompanhada pelos morteiros medios e pezados. Pouco antes das 9 horas, emquanto parte da artilharia prosseguiu no tiro de contra-bateria, o resto passou a executar um violento tiro de barragem. E a Infantaria alemã largou para o assalto.

O ataque do 17.º Exercito, apenas alcançou a 2.ª linha, porque o tiro de barragem avançára com celeridade maior do que a Infantaria e esta perdeu o contacto com ele.

No ataque do 2.º Exercito, Infantaria e Artilharia conjugaram melhor a sua acção e a Infantaria penetrou na 2.ª posição.

No 18.º Exercito, o avanço fez-se como fôra previsto, em boas condições.

A 22 de Março pequena alteração houve na situação do 17.º Exercito, dirigido com energia e unidade, avançou bem, mas o comandante deixou demasiada liberdade d'acção aos diferentes grupos, tendo de, a certa altura, intervir para obter unidade de direcção. Foi, porém, tarde e, assim, não se conseguiu o envolvimento do saliente de Cambrai, que fazia parte do plano. e não poude ser facilitada a marcha do 2.º Exercito, que, forçado a abrir caminho não poude avançar tão rapidamente quanto era preciso para apoiar e aliviar o 17.º Por esta rasão, o Grupo d'Exercitos do Kronprinz Ruppretch não poude alcançar entre Croisilles e Peronne, a linha que o plano geral d'ataque previa.

A 25 de Março os 17.º e 2.º Exercito engajam violento combate, conseguindo passar para além da linha Bapaume-Combles; o 13.º Exercito toma Nesles, encontrando pouca resistencia. A força combativa do 17.º esgotara-se, sobretudo pelas grandes perdas sofridas a 22 e 23, por ter combatido em formações muito densas.

O 2.º Exercito, posto que um tanto mais fresco, queixava-se muito do terreno, fortemente picado de cratéras, que tiveram de percorrer; não conseguiu passar de Albert. A passagem do Somme, mais do que a resistencia do inimigo, paralisaram-lhe a ala esquerda.

O 18.º Exercito teve menos trabalho e ficou bastante vigoroso para a 27 tomar Montdidier.

Os Aliados formaram logo ao Norte do Somme, uma nova frente dificil de atravessar. Os alemães consideravam a resistencia na direcção de Amiens, menor.

Tornou-se, pois, necessario modificar a primitiva concepção da batalha e colocar resolutamente nesta direcção, o centro da ofensiva ulterior. Ludendorff ainda conservava a esperança de poder manobrar, e esse ponto de vista mantem ele nas suas *Instruções* aos Exercitos. Mas, ao passo que os 2.º e 18. Exercitos ainda progrediam, o 17.º não dava mais um passo. Ainda Ludendorff fez reforçar a ala esquerda do 2.º Exercito esforçando-se por leva-la, bem como ao 18.º Exercito na direcção de Amiens. Já, porém, não bastava a sua força ofensiva contra o inimigo cuja densidade se tornava cada dia mais forte, e que, agora, por seu turno, passava á ofensiva. As munições dificilmente chegavam ás linhas, e houve dificuldades de remuniciamento. A reparação de estradas e caminhos de ferro levavam muito tempo. Apoz um metodico reabastecimento de munições, o 18.º Exercito, a 30 de março, atacou entre Montdidier e Noyon.

A 4 de abril, o 2.º Exercito com a ala do 18, atacavam proximo a Albert e ao sul do Somme, na direcção de Amiens, mas sem resultado. A resistencia dos Aliados era superior á capacidade ofensiva dos alemães; o comando superior alemão, então, fez cessar o ataque a Amiens.

Os aliados, porém, atacaram perto de Albert e a S. E. de Amiens, posto que sem resultado. Apoz nova preparação, o 2.º Exercito procurou melhorar de posição perto de Villiers, mas foi repelido.

A batalha terminou a 4 de abril. Os alemães não conseguiram apoderar-se de Amiens como pretendiam, devido, na opinião de Ludendorff, a não terem os oficiais bem na mão os seus homens, que se deixavam ficar onde encontravam deposito de viveres, perdendo um tempo precioso.

Desta ofensiva concluiu Ludendorff, que os principios tacticos elaborados por ele tinham feito as suas provas e demonstravam a necessidade de deixar maior liberdade de movimento á infantaria. A conquista dos ninhos de metralhadoras fôra, em regra, dificil, e retardara o ataque, a autonomia dos grupos de infantaria falhou por vezes, e o mesmo sucedia na sua ligação com as armas de acompanhamento.

90 mil prisioneiros

Foi particularmente dificil ás tropas reagruparem apoz o ataque, em formações defensivas, e sobretudo, reconhecer o momento em que o avanço já lhes não podia dar qualquer sucesso. As tropas sofreram muito com as bombas da aviação inimiga. Os alemães, nesta batalha, fizeram 90 mil prisioneiros.

Trataram então, eles, de alargar a frente do ataque e melhorar a situação estrategica; e a 6 de abril o 7.º Exercito, partindo de Chauny e La Fere, atacou na margem esquerda do Oise, na direcção de Coucy-la-Ville e mais ao sul, repelindo os franceses para além do canal do Oise ao Aisne.

O 17.º Exercito atacára já nos fins de Março, na direcção de Arras, como nucleo de acção ao norte do Scarpe; deveria apoderar-se das alturas a este e norte de Arras, duma importancia capital, e juntar-se no dia seguinte ao 6.º Exercito, para ocupar as alturas que Ludendorff considerava de primordial importancia para os combates seguintes na planicie do Lys.

Apesar do grande desenvolvimento de artilharia e consideravel despesa de munições, o ataque do 17.º Exercito aos dois lados do Scarpe não surtiu resultado pratico, parece que devido aos insuficientes efeitos da artilharia. Abandonou, pois, o comando supremo o ataque da ala sul do 6.º Exercito e resolveu ir dar o golpe principal na planicie do Lys, entre Armentières e La Bassée, na região então em parte guarnecida pelo Corpo Expedicionario Português. Era esta, a operação principal em tempo proposta pelo grupo de Exercito do Kronprinz Rupprecht.

Os ingleses estavam muito enfraquecidos na planicie do Lys, como diante de Ypres, e nós, portugueses, tambem estavamos muito enfraquecidos, pela longa permanencia no *front*, sem substituições nem reforços, e tanto que o comando inglês decidira fazer-nos render e mandar para descanço para a rectaguarda. Precisamente a rendição começaria a 9 de abril.

O 9 de Abril

O ataque de Abril foi cuidadosamente preparado pelo 6.º Exercito, demonstrando o general von Daast e o seu chefe de Estado Maior, tenente coronel Lens, a mesma actividade, inteligencia e previsão empregados na preparação do ataque de 21 de Março. Foi fixado o dia 9 de Abril para o ataque.

"Fiquei satisfeito, escreve Ludendorf nos seus *Souvenirs de guerre*. Quanto mais cedo se realizasse o ataque, mais verosimil era um sucesso de surpresa sobre os portugueses, na planicie de Lys".

A 7, foi Ludendorff ao Quartel General do 6º, corpo do 6.º Exercito, e recebeu a impressão de poder fixar o ataque para o dia 9. O coronel Bruchmuller, foi o encarregado de examinar os trabalhos preparatorios de artilharia. Fôra este oficial quem na frente oriental, a 19 de Julho de 1917, regalara o emprego de artilharia para a penetração na Galicia, e no recente ataque de Março ás linhas inglesas comandara a artilharia do 18.º Exercito. Era, portanto, um artilheiro de larga e comprovada experiencia. O objectivo do inimigo para o dia 9, era a linha Bois Grenier, Fleurbain, Rio Lys, Rio Lawe, Gorre e Canal de La Bassée, esperando assim aumentar o saliente que a sua linha fazia entre Givenchy e Fleurbain, e que nós herdaramos.

A execução foi confiada ás seguintes divisões:

1.ª linha—32, 10, 1 R, 8 R, 18 R, 43 R, 4 Ersatz.

2.ª linha—11 R, 16.

Reserva geral—81.

Total, 12 Divisões.

A frente do ataque que consistiu na frente portuguesa e parte das frentes da 55.ª e 40.ª divisões britanicas, seria posteriormente prolongada por um duplo movimento de rotação dos flancos, que determinaria a ocupação do terreno a norte do Lys e a oeste de Armentieres, e a das passagens do canal em Gorre, Merville e Bethune. A 10, o ataque estender-se-ia para norte até ao canal Ypres-Commines, apoderando-se de Armentières e Bethune.

Esmagados!

A partir das 20,30 do dia 8, a artilharia alemã executou sobre as nossas posições de artilharia rajadas de 4-5 minutos de duração, intervalados de 10 a 15 minutos. A' 1 hora de 9 fez uma pausa; mas ás 4,15 irrompeu novamente com uma violencia extrema, acompanhada por morteiros pesados e medios. As nossas primeiras linhas e comandos de batalhão, ficaram logo completamente esmagados. As granadas rebentavam em volta do Quartel General da Divisão e iam atingir a zona da rectaguarda.

O bombardeamento foi executado segundo as prescrições de ordem para o combate de 18 de Março, que tão grandes resultados deram nas ofensivas mais ao ocidente contra os inglesces.

1.º periodo—Duas horas de fogo sobre as posições de artilharia e de morteiros e 10 minutos de violento fogo sobre as trincheiras;

2.º *periodo*—Continuação do fogo de 7 baterias; fogo sobre as trincheiras, fazendo avançar e recuar a barragem entre a 1.ª linha de infantaria e as posições de artilharia, por forma a bater completamente todo o terreno;

3.º periodo—Duas horas de violento fogo sobre as trincheiras de infantaria, na ultima hora, e simultaneamente, fogo de morteiros pesados e medios sobre os pontos da 1.ª linha a assaltar;

4.º periodo—Cinco minutos antes da hora fixada para o assalto de infantaria, todas as baterias e morteiros executam uma barragem a 300 metros á rectaguarda da 1.ª linha inimiga e a infantaria avança, colada á barragem. Depois, a *barragem volante* vai avançando, em saltos de 50 metros, regulando o seu avanço pelo da infantaria.

Assim se executou. E, pelas 7 horas e 15 da manhã, naquela vasta planicie, coberta por um espesso nevoeiro, as defesas acessorias tinham desaparecido e as trincheiras eram uma massa de escombros donde saiam rugidos de gente soterrada. A infantaria alemã, colada á barragem, vai percorrendo o terreno, acabando um ou outro ferido, travando luta rapida com os pequenos nucleos de resistencia que encontra. As *vagas* de infantaria inimiga sucedem-se, umas atrás das outras, em grupos de 20-30 homens, intervalados de 50-80 passos, precedidos por metralhadoras ligeiras que vão irrigando o terreno de projecteis.

As vagas da infantaria

Na Village Line, têm os alemães de vencer a resistencia dos restos dos batalhões de reserva; mas, como as vagas do Oceano, correndo umas após outras, retardadas as primeiras pelas resistencias que encontram, vêm as imediatas reforçá-las e, absorvendo-as, redobram

(Ver continuação na 11.ª pagina)

O 9 DE ABRIL

Os portugueses fizeram prodigios de heroicidade que foram apreciados pelos alemães

(Continuação da 10.ª pagina)

de energia e velocidade, indo estalar com fragor na praia, assim as vagas de infantaria alemã se vão aglomerando e engrossando, quebrando as resistencias que encontram até pararem exaustas.

Num ou noutro ponto, como Lacouture e Le Touret, ainda alguns nucleos de resistencia se aguentam até ao dia seguinte; mas são casos isolados, meros incidentes sem efeito na marcha geral do combate.

A principio ainda julguei tratar-se dum *harassing fin*, como represalia do bombardeamento que, dias antes, eu mandei fazer; mas como a intensidade do fogo recrudesceu, percebemos que se tratava de algum caso mais serio.

Tentei ligar com os meus brigadeiros, mas as comunicações telefonicas estavam já todas cortadas. Impossibilitado de ligar com a frente, e já convencido de que se tratava de qualquer coisa grave, fiz expedir ordens—eram 5 horas da manhã—á 3.ª brigada para ocupar a linha das aldeias.

Pouco depois, a primeira granada caiu em cheio no meu Quartel General, cobrindo de caliça o meu chefe do Estado Maior, que estava num quarto contiguo ao meu; passamos, então, para o abrigo da T. S. F. de onde tentei ligar com as brigadas. Não o conseguindo, expedi os meus ajudantes e ordenanças a fazer as ligações.

A' 9 horas e 30, o batalhão inglês á minha direita, comunicava-nos ter perdido a 1.ª e a 2.ª linha e estar procurando sustentar-se na linha das aldeias. Telegramas das 8,30 e 9, expedidas da divisão á minha esquerda informavam-me ter o inimigo penetrado na sua 1.ª linha e no *Dec post*, á retaguarda na 2.ª linha, e assim, antes das 8,30 o inimigo abriu brecha na divisão inglesa á minha esquerda, ou, mais exactamente, no ponto de junção do meu flanco esquerdo com o flanco direito da divisão.

Depois, recebi um telegrama da divisão inglesa á minha direita, expedido ás 10,20, dizendo ter retirado para a *linha das Aldeias*.

Expedi para o meu flanco esquerdo o Passos e Sousa do meu Quartel General, o qual regressou ás 11 horas, com a informação de estarem os alemães progredindo em Lavantie e o nosso flanco esquerdo retirando sobre Estaries e La Guque, mas em desordem, sem comando, e de mistura com a população civil. Como podia parar-se este ataque sem uma reserva? Todavia, ainda esperançado em que o XI corpo tivesse com que me reforçar, ainda ás 12 horas, fiz expedir ordem á 6.ª brigada de infantaria, para que se esforçasse por se aguentar na Village Line.

7:500 mortos

Mas a essa hora, já a 2.ª divisão portuguesa estava, praticamente, fóra de combate, tendo perdido cerca de 1/3 do seu efectivo - 7500 homens.

No meu Quartel General, onde recebi uma ou outra rara noticia de que se passava, tive de me limitar a tomar delas conhecimento, porque me faltava o unico meio com que um general intervem na batalha:—reserva.

Eram 12,15, quando recebi ordem do comandante do corpo para retirar com o meu Quartel General para Calonne; a estrada ia já pejada por soldados e civis, e a artilharia inimiga batia-a num ou noutro ponto. Em Calonne encontrei o comandante do XI corpo, que com boas palavras procurou consolar-me. Ainda tentei reunir e organizar algumas unidades com soldados que ali estavam, na sua maioria dos escalões, depositos e trens regimentais; tarefa dificil por falta de graduados e pelo estado moral dos homens.

Assim, resolvi deixar exgotar a coluna na direcção de S. Venant; chegado ai, recebi ordem do comandante do corpo para estabelecer o meu Quartel General em Lambres, fixando a zona do Exercito da divisão em Boesinghem-Guarbesque-Irberques.

Eis a traços largos, o que foi a batalha do Lys.

Hindemburgo no seu livro *A minha vida*—diz a respeito da batalha:

"Entre os projectos de ofensiva estabelecidos no começo da campanha de 1913, havia um, contra as posições inglesas da Flandres. Consistia ele em atacarmos a um e outro lado de Armentières, a ala norte da divisão inglesa, que fazia saliente para este, e destruí-la, avançando na direcção geral de Hazebrouck. Nesta região ficava o mais importante agrupamento de forças inglesas, mas, além disso, havia que notar as dificuldades que o terreno oferecia a um e outro lado de Armentières. Os alemães teriam de atravessar a zona de prados do Lys, muito larga, e o proprio rio. No inverno, aquela planicie era intransitavel, e na primavera, ficava cheia de pantanos nos pontos mais baixos. A agua, eis o grande pesadelo das tropas a quem cabia a defesa desta região...

"A 9 de Abril, as tropas alemães de Armentières e La Bassée, lançaram-se ao ataque. O dispositivo do ataque desta vez, consistia, sobretudo, em pequenos grupos e pequenas colunas, avançando por entre as crateres profundas e cheias de agua, do vasto pantano do Lys, havia anos revolvido por granadas de toda a especie. Apesar dos obstaculos, os alemães, sob a protecção do fogo das suas metralhadoras e morteiros, conseguiram executar um ataque, em que poucos acreditavam ...

"No dia 9, os alemães ainda atingem e atravessam o Lys.

A 10, apoderam-se de Estaires; ganham terreno na direcção de Armentières e alongam o ataque até perto de Wytschaëte. No dia seguinte, entram em Armentières, que os ingleses evacuam, e em Merville, e a seguir em Bailleul e Wytschaëte, e ai pára o avanço.

As dificuldades de comunicação através da depressão do Lys entravam os movimentos alemães, impedindo que lhes cheguem viveres e muniçoes em quantidade suficiente.

Um periodo grave

A infantaria alemã sofreu enormes perdas, durante o avanço, devido, sobretudo, aos *ninhos de metralhadoras*. Contudo, a 24 de Abril, atacam Villers Bretonneaux; apoderam-se de M. Demmel, que os ingleses abandonam ao 1.º choque alemão, e a perda deste ponto abala todo o "front" britanico da Flandres, a tal ponto, que os ingleses iniciam a evacuação do saliente de Ypres.

E' o periodo grave da guerra, sobretudo para os ingleses, que, na defeza de M. Demmel, se mostram muito inferiores."

Agora, ouçamos Ludendorff:

"Durante a manhã, o ataque de 9 de Abril correu bem. As noticias recebidas até ao meio-dia eram favoraveis... mas, durante a tarde, o ataque seguiu mais lentamente. Era muito dificil a passagem através do sector de defezas inimigas, sobretudo por causa do encharcamento do terreno. O avanço da artilharia e munições, muito lento, e o de infantaria, retardado ainda, pelos ninhos de metralhadoras inimigas. A' tarde, estavamos em via de progressão para Armentières, e aproximavam-nos do Louvre. Na direcção de Bethune, progrediamos pouco: na ala esquerda, ficavamos agarrados a Festubert e Givenchy. *O resultado não era satisfatorio.*"

E porque não estava Ludendorff satisfeito? Porque a resistencia da 2.ª divisão portuguesa, apesar da ferocidade do bombardeamento preliminar, que lhe esmagou metade das guarnições da trincheiras, obstou a que os alemães alcançassem, no dia 9, os objectivos fixados para esse dia.

A 10, atravessaram eles o Lys, em Estaires e Lestrem, ganhando terreno para o lado de Armentières, que, a 11 de Maio, lhes cai nas mãos, bem como Merville, a 15.

Na vespera, o 4.º Exercito engajava a sua ala esquerda, a norte do 6.º batalhão, e tomava Messines. A 12, o 4.º Exercito apodera-se de Kemmel, que os ingleses defendem mal, forçando estes a recuar a frente ocidental até Ypres. Bailleul, ao sul de Kemmel, tambem cai mas a terminou a actividade alemã.

Em toda a frente anglo-portuguesa, o alemão ficava vencedor.

Eis, a traços largos, o que foi a ofensiva alemã de Março-Abril, a que os ingleses chamam *Batalha de Armentières*, e nós, portugueses, *Batalha de Lys*.

A imprensa inglesa

O *Times*, de 11 de Abril de 1918, descreve a batalha, diz:

"O pezo do grande ataque de ontem 9 de Abril—não incidiu, porém, sobre as tropas britanicas, mas sobre as portuguesas, que guarneciam o centro da frente atacada. Foi isto devido á nova politica, que os alemães adoptaram, de atacar os pontos de junção dos Exercitos, como já tinham feito aos franceses e ingleses, em 20 de Março, por serem, sempre, pontos fracos. A frente guarnecida pelos portugueses foi o centro do ataque principal de ontem. O combate preliminar da artilharia, posto que muito intenso em todo o sector, teve especial violencia sobre a frente portuguesa, bem como o ataque de infantaria, iniciado ás 5 horas da manhã, após a tercivel preparação das artilharias. Nessa frente, de 17 mil jardas, os alemães lançaram 8 div. ao ataque em 1. linha. Sob tal peso, a divisão portuguesa não pode manter a sua posição. Os alemães ainda aproveitaram a circunstancia de fazer denso nevoeiro, de fórma que conseguiram, nalguns lugares, contornar as posições, sem serem vistos. Os postos avançados foram todos atacados a Flammenwerfer. . . Em pequenos grupos, os portugueses ainda se bateram desesperadamente, rodeados por forças consideraveis .. Em Lacouture, os restos dum batalhão bateram se heroicamente. A artilharia portuguesa combateu com grande valor. . .

O *Daily Mail*, de 11 de Abril, diz:

"O ataque preliminar, executado pelo fogo de artilharia e morteiros, *foi o mais violento que jámais se fizera até então*, segundo o testemunho de oficiais ingleses que estiveram junto dos portugueses e tinham combatido no Somme."

Vejamos os resultados das duas ofensivas—a de Março, sobre os ingleses, e a de Abril, sobre os portugueses e ingleses:

Na de Março, perdem os ingleses uma zona de terreno de 70 quilometros de frente, por 70 de profundidade; no de Abril, executado na frente luso-britanica, a perda foi de uns 60 de frente por 20 de profundidade, sendo exclusivamente da responsabilidade dos portugueses 12 de frente por 6 de profundidade.

Os resultados não foram satisfatorios, - remata Ludendorff. Não foram efectivamente, mas para que o não fossem contribuiram os portugueses com 327 oficiais e 7.098 praças perdidos na batalha, ou seja um terço do seu efectivo!

Portugal Maior

Estes numeros demonstram á saciedade o enorme esforço da Divisão portuguesa que tive a honra de comandar nesta batalha demonstram que o soldado português não hesita em dar a sua vida, perdulariamente, quando seja preciso, para manter bem alto o nome do velho Portugal!

A batalha do Lys é pois, para nós portugueses, uma legitima gloria, pela demonstração, de espirito de sacrificio e dedicação e ainda porque, com os nossos 7.500 homens perdidos, contribuimos para formar a barreira que se opoz á passagem da torrente alemã até ao mar, separando a Inglaterra da França, e portanto aniquilando os aliados que defendiam a causa da Liberdade.

Pela parte com que nós portugueses contribuimos para a Vitoria final, merecemos a gratidão de todas as Nações. Pena foi que os nossos estadistas e os nossos diplomatas não soubessem tirar partido do nosso grande sacrificio em sangue e em dinheiro, obtendo para nós justas compensações na partilha das colonias ale más das duas costas africanas, ao norte de Moçambique e no sul de Angola, onde o sangue português tambem correu vermelho e caudaloso como na planicie do Lys.

Infelizmente, os diplomatas portugueses não corresponderam ao valôr do soldado, e a nossa entrada em guerra, os nossos sacrificios na França e nas duas costas africanas, as nossas vitorias, ficaram sem resultado pratico. Eterno cavaleiro andante, Portugal mais uma vez se bateu apenas pela gloria.

E como assim sempre fomos, assim continuaremos sendo. E ainda bem. Pois conservamos sempre o nosso *panache*. Mas mesmo para isso, tem o Exercito de, compreendendo a sua missão, conservar-se sempre vivo e preparado para o que der e vier. Já lá vai o tempo em que por se ser pequena Nação, se estava condenado. Hoje, como sempre, não importa ser-se pequeno, comtanto que se não seja fraco. E de resto, não é pequeno, quem possui o imperio colonial que nós possuimos. No dia em que governos inteligentes se decidam a considerar as colonias como parte integrante e efectiva do Imperio, aproveitando os milhões de homens que as povoam e os milhões de ouro que existem no seio da terra, o imperio português será qualquer cousa de grande, e tanto maior se esse governo souber atrair e ligar á mãe patria essas enormes colonias neo-portuguesas, que formigam na America, no Brazil, na China, na India, e até no Persico. A expansão da raça portuguesa foi e é hoje ainda, uma cousa formidavel, e que deve ser motivo de orgulho para nos, motivo de riqueza para a nossa Patria. O que nos tem faltado, tem sido os elementos de direcção inteligentes e activos capazes de aglutinar todos esses centros de população e preparar um futuro Portugal Maior!

Essa deve ser a obra da geração actual.

Comemorando o aniversario da Batalha do Lys, o Exercito, que é a expressão unanime e mais perfeita da Nacionalidade, deve pôr de parte simples intuitos platonicos ou egoistas, e dispôr-se a activamente concorrer para fazer germinar e frutificar a ideia do Portugal Maior! O Exercito deve esforçar-se porque se efective esta ideia duma nacionalidade portuguesa, grande, prospera e forte.

Ponta Delgada, abril de 1927.

Marechal Gomes da Costa

SAPATARIA CONTENTE, L.DA

CALÇADOS CHICS

Ultimos modelos

RUA DO CARMO, 74 TELEFONE N. 5359

CONSTRUCTORES NAVAIS, ARMADORES, PINTORES, etc.

PINTURA EFICAZ, PROTECTORA E ANTI-CORROSIVA

TINTAS PREPARADAS PARA TODAS AS ESPECIALIDADES

"TORPEDO" — para fundo e costado
"COVERNOL" — esmalte para todas as aplicações
"CRUSTOL" — alvura inegualavel

PRODUCTOS DA

The British Anti-Fouling Composition & Paint Co. Ltd.

LONDON

Depositarios:

DIAS DE CARVALHO, LTD.

Tel. C. 2917 - R. do Arsenal, 148, 2.º - Lisboa

A' venda nas boas drogarias

PAPELARIA — Praça Luiz de Camões, 43
TYPOGRAPHIA — Rua do Ferregial, 12 a 20

PAPELARIA CAMOES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.DA

42, Praça Luis de Camões, 43 — Telef. T. 1040 — LISBOA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flôres e muitos outros artigos

Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

SECÇÃO DE TYPOGRAPHIA

RUA DO FERREGIAL DE BAIXO, 12 A 20 — TELEFONE C. 697

Grandes oficinas movidas a electricidade

Encadernação e Pautação

TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

Wagons e locomotivas

a importante fabrica alemã

LINKE-HOFMAN-LAUCHHAMMER

representantes para Portugal e colonias

Companhia Portuguesa do Ultramar

RUA DO CARMO, 15, 1.º Telefone 1723

Banco de Angola

Capital 50.000.000$00

(Séde provisoria) Rua da Prata, 10, 3.º — LISBOA

Filial - LOANDA

Agencias

Benguela, Mossamedes, Lobito, Novo Redondo, Malange, Cabinda, Sá da Bandeira, Vila Silva Porto e Leopoldville (Congo Belga).

NOVIDADES LITERARIAS

DO LIVRO

"Cartas de Londres,,

de JULIO DANTAS

transcrevemos o capitulo "Um retrato de Holbein,,

Julio Dantas, cujo talento nobilissimo de escritor, de poeta e de dramaturgo, foi ha muito consagrado, acaba de publicar uma obra notavel, cujos aspectos de beleza, de observação, de estilo e de elegancia, não necessitam louvores. *Cartas de Londres*, escritas na capital inglesa, quando o sr. dr. Julio Dantas lá foi em missão oficial do governo português, são quadros admiraveis, onde perpassam magnificamente estudadas, algumas das figuras da aristocracia inglesa. A paisagem, as ruas, a vida dos interiores são dadas por Julio Dantas, com uma tenuidade de linhas, que encantam, sugerem e prendem. O amor tambem tem o seu sorriso — o fino sorriso que o autor da *Patria Portuguesa*, cronista impecavel, sabe detalhar de ironia, de graça e de malicia.

Cartas de Londres **marcam o primeiro grande sucesso literario do ano. O nome que as subscreve garante um exito e um triunfo.**

De todas as obras de Holbein que se encontram nos museus de Londres, a que mais me impressionou — muito mais, mesmo, que o celebre quadro *Os Embaixadores*, tão queridos dos *ingleses* — foi o retrato de Cristina da Dinamarca, duquesa de Milão, uma das indigitadas noivas do nosso infante D. Luís, filho do rei D. Manuel.

Willian Hazlitt, no *Criticisms on Art*, caracteriza duma maneira original a obra de retratista do mestre de Augsburgo: «os retratos de Holbein—diz ele—são escritos em prosa; falta-lhes paixão, falta-lhes ideal». Com efeito, se examinarmos a maior parte das suas cabeças — inclusivamente as de mulher, como a de Joana Seymour — verificamos que isto é assim. O realismo, por vezes rude, de Holbein; a sua preocupação absorvente da exactidão; o escrupulo, tenazmente germanico, na reprodução perfeita e minuciosa do modelo; aquela obstinada sinceridade que dá á sua pintura o valor dum documento historico, — mantêm-no afastado (embora não tanto como a Alberto Dürer) da forte corrente idealista em que se integraram os mestres da Renascença italiana, em cujos retratos se adivinha, não apenas o esforço para atingir a semelhança material, mas um anceio de beleza, uma aspiração para fórmas mais puras, um vago dosejo de enobrecer e de generalizar, uma irresistivel tendencia para a atenuação de todas as imperfeições e de todas as grosserias do documento humano. Em regra, Holbein—implacavel na reprodução dos defeitos que via — não tratava de espiritualizar o seu modelo; observador profundo, tecnico incomparavel, copiava-o com a mais assombrosa fidelidade, com o mais inquietante poder de penetração psicologica. Por isso o seu retrato de Henrique VIII, por exemplo, explica melhor Henrique VIII do que todas as paginas dos cronistas; por isso, depois de ver as cabeças, aflitivas de verdade, de Tomás Moro, e, sobretudo, de Erasmo, nós ficamos com a impressão de que conhecemos, vivos, esses dois homens. «*Que saurions-nous du XVI.e siècle* — diz Paul Mantz— *si Holbein, historien fidèle, n'avait précisé d'un trait définitif la physionomie morale des hommes de ce temps?*» Em regra, repito, mal se vislumbra, nas cabeças pintadas por esse alemão probo e genial, o clarão de ternura e de espiritualidade da Renascença italiana; os retratos de Holbein são sêcos, severos, minuciosos, cruelmente exactos; mas a regra — como todas as regras tem excepções. Ha, pelo menos, na obra do *sergeant-painter* de Henrique VIII, um retrato que não é «escrito em prosa», e que, muito ao contrario, impressiona pelo lirismo, pela delicadeza, pela porção de ideal que nele pôs Holbein. E', precisamente, o retrato da Duqueza de Milão.

Esta obra-prima do mestre de Augsburgo, que veio do castelo de Arundel para a National Gallery, de Londres, onde se encontra, representa Cristina da Dinamarca em corpo inteiro moda italiana no seu luto de viuva — veludo preto e peles — a cabeça levemente inclinada, um toucado negro a esconder-lhe os cabelos, umas luvas nas mãos. Deve ter cêrca de vinte anos, é branca, olhos verdes, percebe-se que é loira, e, apesar de mulher, e bem mulher, toda a sua figura respira inocencia, timidez, e uma graça, uma candura tão infantil, que se diria um retrato de criança. Bonita? Não sei. Fina, atraente, espiritual, angelica. Ao contrario de quasi todos os retratos de Holbein — bispos austeros, teólogos sombrios, grandes-damas melancolicas e taciturnas, tudo personagens que nunca riram — a Duqueza de Milão, docemente, sorri. Mas o seu sorriso — discreto, quasi imperceptivel — não é o sorriso alegre de certas cabeças de Franz Hals, nem o sorriso intelectual de certas figuras de Vinci; é um sorriso triste, duma tristeza dôce e resignada, um sorriso de criança habituada a sofrer, que só se compreende bem conhecendo a mocidade infeliz da pobre princeza.

Cristina da Dinamarca era, como se sabe, filha duma irmã de Carlos V, Isabel de Austria, e do cruel Cristiano II da Dinamarca, amigo de Erasmo e de Dürer, discipulo de Luthero e de Melanchton, que alimentou o sonho de reunir na sua fronte as três corôas reais da Escandinavia, e que, sagrado enfim rei da Suecia depois duma sanguinolenta vitoria sobre Stenon Sture, viu fugir-lhe da cabeça, num momento, a triplice corôa de ouro com que sonhara a vida inteira. Quando Cristina tinha sete anos, o rei seu pai, destronado, perseguido, errante pela Alemanha, levou-a artás de si, transida de pavor, com a mãe e as alas, que soluçavam. Oito anos depois, já mulher, Cristina viu-o levantar uma armada na Holanda, e, de novo batido, fugitivo, preso, começar no castelo de Sonderburgo, com o seu anão fiel, o cativeiro de que só o libertou a morte. Passados três anos, mal enxugara ainda os olhos de chorar o infortunio paterno, foi, por seu tio Carlos V, obrigada a casar com o duque de Milão, Francisco-Maria Sforza, um imbecil e um enfermo, que podia ser pai dela, e que onze meses depois de casado morreu, não se soube bem de quê, dixando-a — com dezoito anos apenas! — envolta no pesado luto da viuvez. Lirio real de Oldenburgo, que, por um instante, se aqueceu ao sol da Lombardia, Cristina, arrastando pela Europa a sombra do seu vestido negro, acolheu-se enfim a Bruxelas, onde Holbein, em 1538, lhe pintou o retrato. O sorriso triste da pobre princesa — tão bem compreendido pelo mestre dos *Embaixadores* — é a poesia de todos estes desastres, é toda esta juventude dolorosa, vista através da mais dôce das resignações. Ha nele qualquer coisa de vagamente mórbido, que a palidez da face ainda mais acentua. Por detrás daquela Madona juvenil, que parece tocada de graça languida de certos tuberculosos hereditarios, adivinha-se a fatalidade duma raça condenada á extinção. E' bem uma princesa austriaca, em cujas veias o sangue *viking*, suavemente idealista, se mistura ao sangue funesto dos Habsburgos; e eu ia jurar que Holbein, observador penetrante, ao pintar o retrato de Cristina da Dinamarca, ao abrir-lhe o sorriso, ao iluminar-lhe os olhos, ao fazer viver numa tábua imortal, pelo sortilegio do seu génio, aquela angélica figura de princesa doente, — pensou muitas vezes que tinha diante de si uma neta materna de Joana-a-Doida.

Mas — perguntar-se ha — como e porquê se encontra em Inglaterra o retrato da Duqueza de Milão? Como se explica a ida de Holbein, de Londres a Bruxelas, expressamente para o pintar? George Scharf, no seu curioso estudo sobre os retratos de Cristina da Dinamarca (*Arqueologia* XL, 1863), e Ralph Wornum (*Some account of the life and works or Hans Holbein*) esclarecem devidamente o caso. Morta Joana Seymour, sua terceira mulher, em Outubro de 1537, Henrique VIII pensou em casar-se outra vez, e, porque convinha de momento á sua politica um entendimento com Carlos V, lançou os olhos para a jovem viuva de Francisco Sforza. Mas Cristina da Dinamarca seria bela? Era preciso sabê-lo. Em materia de casamento, Henrique VIII, um sensual exaltado, colocava em primeiro lugar a beleza das mulheres e em segundo lugar as conveniencias da politica.

como mais tarde Antonio Moro, um pintor de noivas reais, recebeu ordem do rei para ir ao Brabante pintar o retrato da Duqueza de Milão, habilitando assim o seu amo Henrique VIII a resolver se lhe convinria ou não fazê-la rainha de Inglaterra. Com efeito, por uma carta enviada a Tomás Cromwell, lord do sêlo privado, por John Hulton, residente em Bruxelas, sabe-se que o mestre de Augsburgo esteve ali em Março de 1538, e ali pintou, em três horas, um retrato de Cristina da Dinamarca. Esse estudo incompleto — um busto, apenas, — encontra-se ainda nas colecções reais do castelo de Windsor; foi por ele que Holbein, no seu regresso a Inglaterra, executou o grande retrato destinado ao monarca e descrito, no inventario de 1542, entre os quadros que pertenceram a Henrique VIII: «*a greate table whit the picture of the Duchyes of Myllayne, beinge her whole stature*». E' este o quadro que, vindo do castelo de Arundel, está hoje na National Gallery, de Londres. Apesar de ter pintado a suave figura de Cristina com toda a emoção e todo o lirismo de que era capaz o seu frio temperamento, Holbein não conseguiu fazê-la rainha de Inglaterra. Porque Henrique VIII não gostou dela? Porque a Duqueza de Milão declinou prudentemente a honra de ocupar um trôno através do qual se entrevia um patibulo? Porque o Papa — a esse tempo Paulo III — entravou, junto de Carlos V, as negociações para o casamento? Não se sabe ao certo. Sabe-se apenas que, três anos depois, Cristina da Dinamarca, viuva e quasi virgem — senão de corpo, pelo menos de coração — trocando o seu negro luto italiano pelos opulentos brocados de oiro dos trajos da côrte, casava-se, por amôr, não com o nosso infante D. Luís, «sempre-noivo» de todas as princesas do tempo, mas com o belo Francisco, duque de Lorena e de Bar. E, daí por diante, desde que começou a ser feliz, — deixou de ter historia.

O retrato da Duqueza de Milão é, todo ele, uma maravilha. Mas, ainda mais do que a mascara, impressionam nele as mãos, umas mãos brancas e timidas de criança, que não saberiam onde colocar-se, nem que atitude tomar, se não segurassem, os melhor, se não acariciassem umas luvas, — as eternas luvas que nós vemos em todos os retratos de Holbein, desde o do doutor John Chambers até ao de sir Brian Tuke, desde o do Sieur de Morette até ao proprio retrato de Henrique VIII. E' inexprimivel a graça e a delicadeza dessas mãos infantis, mãos que nos dão a impressão leve de pequenas aves que têm medo de poisar, onde mal se adivinha a sombra dumas ténues veias azuis, e que nos sugerem, não a ideia da aristocracia e da majestade, como as de certas figuras de Van Dyck, mas a ideia casta e ternamente humana de que fôram feitas para a doçura de todas as caricias e para a suavidade de todos os afagos. Se, ao pintar as mãos de Erasmo — sobretudo a mão que escreve — Holbein não foi mais do que um observador sêco, penetrante e profundo, ao pintar as mãos de Cristina da Dinamarca foi, em que pese a Willian Hazlitt, — um poeta.

JULIO DANTAS

AVENIDA PALACE CLUB (PALACIO MAYER)
HOJE — JANTAR Á AMERICANA com o concurso da aplaudida bailarina
ENCARNITA UNAMUNO Brindes ás senhoras
Na proxima 4.ª feira, 13, grandiosa festa "UMA NOITE EM MONTMARTRE"

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21,15—«Entre os lobos».
Nacional—A's 21—«A Morte Civil».
Trindade—A's 21,15—«Quebranto».
S. Luiz—A's 21—«Paganini».
Politeama—A's 21,30—«Lourdes».
Avenida—A's 21,30—«O bom ladrão».
Apolo—A's 20,30 e 22,30—«Mouraria».
Eden—A's 20,30 e 22,30—«O Rei dos Judeus».
Variedades—A's 20,30 e 22,30.—«O Senhor Roubado».
Santa Foz—A's 20,30 e 22,30 — «Secretario dos Amantes».
Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo.

ANIMATOGRAFOS

Joaquim de Almeida—Cinema.
Olimpia — Das 2 e 1/2 da tarde as 12 e 1/2 da noite—Animatografo.
Salão Ideal—Animatografo
Bristol Club-Dancing—O unico sempre em festa.
Bal-Tabarin Montanha—A's 21,30, 11 e 1.—Sessões de variedades.

EDEN
Direcção de José Climaco
Duas sessões--Estreia da peça sacra em 2 actos e 15 quadros — **HOJE**
O REI DOS JUDEUS
(VIDA DE CRISTO)
Original de Silva Tavares e Carvalho Mourão

POLITEAMA Empresa Luiz Pereira —Telef. N. 3028—
A's 21,45 Companhia Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo
HOJE
Hoje e ámanhã — Ultimas de
LOURDES

A's 9,15 horas **TRINDADE** Telef. T. 976
HOJE
Representação da peça, em 3 actos
Quebranto

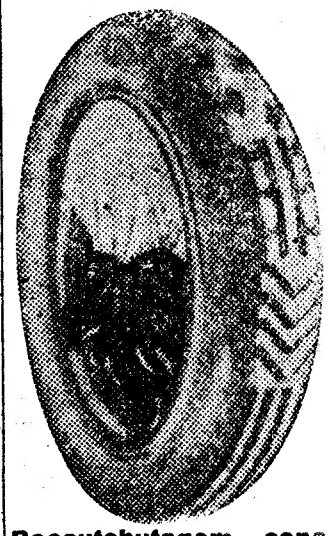
FOTO ESBOÇO
C. do Combro, 127
Dia a dia são os nossos freguezes que reconhecidos atestam a qualidade e boa execução das nossas ampliações, como podereis vêr pela carta que segue:
Ex.mo sr. José Lopes. Venho por esta forma, reconhecida agradecer-lhe a bôa execução da ampliação que mandei executar nos seus "ateliers„ com o n.º 1632, de cujo original nunca julguei que se podesse conseguir fotografia tão perfeita.
Penhorada me confesso agradecida
(a) *Gloria da Silva.*
R. Arco Carvalhão, 73, 4.º

POLICLINICA DO INTENDENTE
ALMIRANTE REIS, 27, 2.º—Telefone N.º 2969-N.
Dr. Adolfo Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 11.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes - Raios X, ás 16
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças de nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral estomago e intestinos ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica coração pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral operação ás 15

VELOUTINE E CREME
«PRINCEZA ALICE»
São os productos que, devido á sua excellente composição, dão á pelle toda a frescura e belleza da mocidade. A' venda na Perfumaria Viuva de José Dias, rua dos Fanqueiros, 342 (Frente ao Mercado)
TELEF. 2821 N.

AUTOMOBILISTAS

Sejam economicos!!!



Os pneumaticos que julguam inutilizados podem ainda percorrer muitos milhares de quilometros se os confiarem ás oficinas

VULCAN, L.DA
Avenida Visconde Valmor-65
Telefone N. 2252 LISBOA
Recautchutagem, concertos de Pneus e reparações de camaras de ar pelo processo "FIT"

ECONOMIA DE 50 0/0 SOBRE OS PNEUS NOVOS
PREMIADA NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA MEDALHA DE OURO
Palacio de Cristal 1926-PORTO
não confundam com certos processos

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
BANCO EMISSOR DAS COLONIAS
Séde: Rua do Comercio—Lisboa
CAPITAL REALIZADO ESC. 30.000:000$00
RESERVAS 40.000:000$00

Filiais e Agencias no Continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Trás-os-Montes e Vizeu.

MADEIRA—Funchal.
AÇORES—Angra do Heroismo e Ponta Delgada.
CABO VERDE—S. Vicente e S. Tiago.
S. TOMÉ—Principe.
GUINÉ—Bissau e Bolama.

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga BANCO DE ANGOLA, com Filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshassa (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL—Beira (Agencia) Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane e Chinde, Quelimane, Ibo.
INDIA—Bombaim, Mormugão e Nova Gôa.
CHINA—Macau.
TIMOR—Dilly.
BRASIL—Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.
INGLATERRA—Londres.
FRANÇA—Paris.
ESTADOS UNIDOS DA AMERICA—Agencia em New-York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY
A mais antiga Companhia de Seguros da Escocia — CAPITAL E RESERVA . . . . . Lb. 6,310.000
RECEITA ANUAL EM 1923 . . . Lb. 2,310.000
EFECTUAMOS SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Agentes gerais para Portugal, Ilhas e Colonias:
Correia Leite, Santos & C.ª—BANQUEIROS
53 — R. Augusta, 59 — LISBOA Telefones C. 237 e 358

A's 21 e 15 **TEATRO NACIONAL** TELEF. N. 3049
COMP.ª BERTA DE BIVAR—ALVES DA CUNHA
HOJE:
Festa de homenagem á actriz-empresaria BERTA DE BIVAR
A Morte Civil

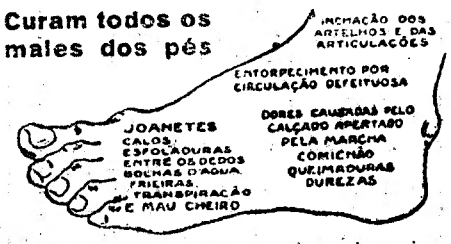
VARIEDADES—(Parque Mayer)
HOJE:
O Senhor Roubado

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE: A's 21,30
Representação do "vaudeville„
O bom ladrão

APOLO Telefone N. 4129 Comp. Almeida Cruz
Duas sessões—Ás 8 1/2 e 10 1/2
A unica opereta em duas sessões
MOURARIA
Os fidalgos e os fadistas—A festa no pateo—O sol-e-dó.—Os fados
A rusga
O maior dos exitos

Theatro São Luiz
HOJE
A celebre opereta em 3 actos, de grande espectaculo, musica de FRANZ LEHAN
Paganini
o grande violinista do seculo XIX

SAES «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés

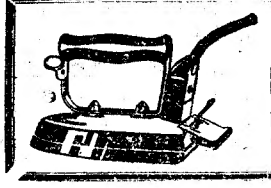


A' venda em todas as farmacias e drogarias.
Deposito: **MARIO BRANDÃO**
T. Nova de S. Domingos, 9-Lisboa
N. B.—Exijam os verdadeiros Saes «DERMOXA» e recusem as imitações que não têm nenhum valor curativo.—Laboratoire: J. NANTE, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Arnaldo Brazão
ADVOGADO
Tel. N. 357, 3300 e 5468
P. Restauradores, 13, 2.º — LISBOA

"VIRUS LIVERPOOL"
(MATA-RATOS)

Esta preparação é uma cultura bacteriologica que produz nos ***ratos*** e ***ratazanas*** uma enfermidade que é propagada de uns para os outros. Eles, uma vez inoculados, abandonam os esconderijos em busca de luz e ar, onde vêem morrer.
O ***VIRUS*** não tem acção para com os animais domesticos, não havendo, por isso, perigo em usa-lo.
Preço por cada lata: Esc. 16$50
DEPOSITOS:
T. dos Remolares, 10, 2.º Esq.—LISBOA
Rua de S. Francisco, 25, 2.º — PORTO


PARA ELECTRICIDADE
Cada 60$00
GARANTIA 2 ANOS
R. Santa Justa, 87

ESTRANGEIRO

"Satin„
Papel Francez, de fumar, de "REVOME MUNDIAL„
O melhor em preço e qualidade

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

A viagem de De Pinedo

NEW-YORK, 9

O inquerito ordenado pelo governo norte-americano ás causas que destruiu o hidro "Santa Maria", tripulado pelo aviador italiano De Pinedo, demonstrou que a destruição do aparelho não foi devida a um atentado anti-fascista.

Um rapaz de 17 anos, Thomason, declarou, muito pezarosamente, ás autoridades:

—Acendi um cigarro e atirei com o fosforo para a agua, que, levantando imediatamente grandes chamas, em virtude do combustivel que se encontrava á sua superficie, atingiram o aparelho e o destruiram.—(L.).

Um novo desastre

NOVA YORK, 9,—Quando de Pinedo fasia a viajem de Phoenix (Arizona) para San Diego, num hidro—avião oferecido pelo governo dos Estados Unidos, manifestou-se incendio no aparelho, conseguindo o aviador e os seus companheiros extingui-lo.

As primeiras noticias chegadas a Nova York eram bastante penssinistas, dando mesmo a morte de Pinedo e dos restantes tripulantes do hidro-avião.(L.)

Dos Estados Unidos

NOVA YORK, 9

A televisão a longa distancia é hoje um facto consumado.

No laboratorio das experiencias da companhia dos telefones e telegrafos de Nova York, o correspondente do "Daily Mail„ ouviu e viu o sr. Helbert Houver, ministro do Comercio, falando em Washington, a 200 milhas de distancia.

Viram-se perfeitamente seus labios e olhos a mover-se, largar um papel e abandonar o telefone.

O rosto e os encaracolados cabelos da gentil e bela telefonista de Washington foram tão visiveis como o ministro.

O presidente da companhia, Walter Gifford, falou com o general Carty, vice-presidente.

O segundo disse ao primeiro: Vejo-o tão bem que lhe posso dizer que v. esta com oculos, e em seguida viu-o perfeitamente Gifford tira-los do rosto.—(L.)

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

CARTA DE PARIS

A paz da Europa continua ameaçada

PARIS, 22 de Março.—Eis a primavera que vai fazer desabrochar as flores do nosso jardim. Possa o ceu ser-lhe clemente e risonho!

Escrevo isto, pensando no Jardim da Europa. Que o sol possa brilhar limpido, afastadas certas nuvens anunciadoras de tempestades! E que o horisonte ameaçador das margens do Adriatico, se torne limpido e optimista!

E' lá possivel que perigue a paz!?

Pode lá ser certo o temporal a desencadear-se entre a Italia e a Yugo Slavia?

E se um raio lançar fogo nos Balkans, poderemos concluir que será bastante para iluminar sinistramente toda a Europa!?

* * *

Além de que ha em Genova uma Sociedade de Nações que é a chamada a dizer a ultima palavra sôbre o conflito. E' a ela que pertencem as soluções de assuntos tão graves como este, bem melhor que as de questões como a do opio, de que se ocupou vai num ano.

Ora nós temos grandes probabilidades de que continue a reinar a paz. Nada nos obriga, portanto, a disfarçar a gravidade do problema que paira, neste momento, entre Roma e Belgrado.

A Albania, que desde 1912 faz esforços baldados para ser um Estado solido, representa uma presa desejada pelas suas visinhas, a Italia e a Yugo-Slauia.

A primeira ocupou-a militarmente durante a guerra e pretende, actualmente, a ocupação pacifica, facil a um povo activo numa terra onde tudo está por fazer. E a Italia acaba de concluir com o governo pró-italiano de Almed Zogou o tratado de Tirana, que submete á Influencia de Roma toda a sua vida politica e economica.

* * *

Dir-se-ha que os albaneses são senhores de fazerem o que quizerem na sua casa. Seja! Mas vejamos o mapa:

Se Valona passar a ser italiana, perderá a Yugo Slavia a sua porta de saida, ficando prisioneira no fundo do Adriatico.

E o "mare-nostrun„ passará a ser um lágo italiano.

Portanto desde Fiume a Dulcigno, estão ameaçadas as portas da Yugo-Slavia, perigando a sua independencia e vitalidade.

Por todas estas razões é grave a situação de Belgrado ante Roma.

Isto não quere dizer que o problema só possa ser resolvido pela força.

Está, pelo contrario indicado, que se façam negociações amigaveis.

Tal como se resolveu a questão do Fiume pode ser resolvida a da Albania. O caso é que as demoras diplomaticas não tornem impossivel a solução pacifica.

* * *

Os estrangeiros que vivem longe da nossa terra, podem ignorar até que ponto nos atingem estes acontecimentos.

Mas nós, que sabemos os importantes preparativos militares feitos pela Italia na fronteira dos Alpes, não ignoramos as intenções "pacificas„ de certas potencias.

Sabemos, por outro lado, que a nossa Costa Azul, a nossa Algéria, a nossa Tunisia e até a nossa Corsega, são tentações para certos visinhos.

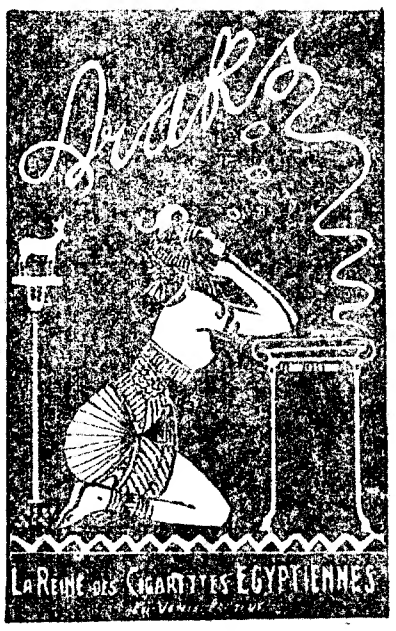
E a França pregunta se a Albania não será um pretexto para nos obrigar a intervir, o que traria uma nova conflagração europeia, e, provavelmente, universal.

A Italia não atacaria a Yugo-Slavia, se não estivesse segura da colaboração da Hungria, secundados pelos Romenos e Tchecoslovacos. Bela ocasião para entrarem na dansa a Russia e a Turquia.

A Austria e a Alemanha tomariam, naturalmente, o seu partido no sangrente charivari e a Inglaterra teria que se pronunciar entre os seus amigos italianos, alemães e franceses, seguramente comprometidos, com habilidade e perfidia.

Eis o que pretendemos evitar ao tratarmos de um assunto tão palpitante e internacional.

Pierre Semple



CIGARROS
"ARAKS"
Flor de tabaco EGIPCIO, os predilectos da sociedade elegante. Os de maior voga no mercado. Suaves, aromaticos e deliciosos.
Superior a todos
Importadores V.ª CONTRERAS & F.º
R. 1.º de Dezembro, 7--Lisboa

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

A guerra na China

TOKIO, 9

Afirma-se nesta cidade que 4:000 homens de forças regulares sovieticas, se infiltraram em Barbin, na Mandchuria, e que o contrabando de armas da Siberia para a China é cada vez mais activo.

Noticias de Mukden dizem ser ali cada vez maior o receio de que o marechal Tchang-Tso-Lin se apodere do caminho de ferro do leste chinês, a fim de incitar a Russia a tomar represalias, envolvendo assim o Japão no conflito chinês.—(L.)

PEKIN, 9

Em consequencia da busça passada na embaixada sovietica e do provavel desenvolvimento que o caso pode ter, o sr. Wellington Koo deliberou continuar á frente do governo chinês do norte.—(L.)

CHANGAI, 9.

Chiang-Kai-Sheck está em negociações com a camara de comercio chinesa para um emprestimo de 15 milhões de dollars.

As condições impostas pela Camara são as seguintes: desligar-se completamente o governo de Cantão dos comunistas; interromper a guerra para facilitar negociações com a governo do norte; substituir Chen e nomear o ministro dos Estrangeiros capaz de entabolar "demarches„ justas com os gabinetes estrangeiros. — (L.)

CHANGAI, 9.

A situação continúa a ser muito critica.

Os marinheiros japoneses e ingleses têm intervindo, fazendo fogo por vezes.

Têm sido publicados manifestos incitando os soldados estrangeiros a revoltar-se contra os seus superiores. — (L.)

BERLIM, 9.

O jornal "Voss Ischezeitung„ dá como certa uma scisão no exercito cantonense e diz ser intenção de Chiang-Kai-Sheck proclamar-se ditador. — (L.)

PEKIM, 9.

Os japoneses evacuaram Changsha, os ingleses abandonaram todos os pontos além deHonkow, fazendo outro tanto os americanos. — (L.)

PEKIM, 9.

O corpo diplomatico protestou perante as autoridades de Pekim contra a invasão da embaixada russa por exceder a licença dada. — (L.)

PEKIM, 9.

Os ministros da França, Inglaterra, Estados Unidos, Japão e Italia, redigiram uma nota identica sobre os incidentes de Nankin. — (L.)

S.to Antão
REFEITORIO E ADEGA
149 — Rua Eugenio dos Santos — 159
Canôas á Santo Antão

STOMOPHILE
dos Laboratorios DORANTOWICZ
Maravilhoso especifico
para
Doenças estomacaes
Vendem as melhores farmacias
Deposito Geral:
23, R. DE S. NICOLAU, 1.º

ULTIMAS NOTICIAS

Navalhas de barba
tesouras de costura, manucure, etc.
Laminas para barbear
RUGRA
são as melhores

A BATALHA DE LA LYS

Mil combatentes da Grande Guerra

FORAM HOJE

ao cemiterio do Alto de S. João

O feito de armas de La Lys teve este ano uma comemoração condigna; tocada de patriotismo sincero; vibrante de emoção verdadeira.

Iniciada por uma romagem ao cemiterio dos Combatentes no Alto de S. João, um recinto áparte onde dormem já o somno derradeiro quatro dos que mais valentemente se bateram—o general Augusto Simas Machado, vis-á-vis do clarim Idilio Faro, o major Damaso Augusto Marques, frente ao segundo sargento Manuel de Jesus Coelho—a celebração teve grandeza, teve seu quê de sintomaticamente impressionante que importa demarcar.

Juntaram-se no cemiterio do Alto de S. João, cêrca de mil combatentes da Grande Guerra, a maior parte deles tornados já, com seus achaques, á vida paisana de onde se distraíram por momentos, vai numa duzia de anos, para se darem bravamente em holocausto heroico pela Patria.

Não tinham comando. Chegavam a ter saudades dos tempos calamitosos em que, sob o fogo e sob a metralha inimiga, surgiam aos cardumes os homens que se diziam destinados a comandá-los.

Condecorados todos, e pobres todos tambem, como convém aos que desinteressadamente se sacrificam por um ideal, viram-se em dificuldades enormes para se juntarem debaixo de forma, como convinha ao seu espirito militar, quando chegou para eles a hora de fazer a continencia da saudade á memoria daqueles dos seus companheiros que a morte venceu primeiro que as balas dos inimigos ou que a ingratidão colectiva da terra mãe.

Sobre o cabouco em que vai alicerçar-se o tumulo privativo dos combatentes a voz de outros combatentes se fez ouvir, vibrante de magua, quasi indignada de protesto pelo despreso a que se votou, nestes tempos de materialismo reles, o sacrificio de uma geração inteira dada por um ideal generoso á maior de todas as provações belicas da historia.

Falou primeiro o sr. Antonio de Certima.

Disse do sentimento a um tempo lutuoso e alegre da comemoração—lutuoso, porque a morte é sempre negra por muito que procuremos enche-la de luz, alegre porque os soldados portugueses souberam morrer dignificando-se e dignificando a Patria;—afirmou que os lutadores do conflito europeu deram a todas as idades um exemplo que não esquece mais; e poz uma pregunta a que todos responderam sem ninguem se manifestar, porque todos esconderam em si proprios a amargura da resposta.

—Onde está agora esse imperio que os soldados da Grande Guerra cimentavam com o seu sangue? Onde está a compensação para o sacrificio desses bravos que tudo deram com os olhos fitos exclusivamente no engrandecimento de Portugal, que todos as torturas sofreram de boamente, só para que mãos barbaras não maculassem a porfia civilisadora dos seculos?

Outra passagem do discurso:

—Falando em nome dos nossos irmãos soldados, eu teria que acusar; porque, desgraçadamente, depois de tamanho sacrificio, depois de cumprida a gigantesca tarefa que nos incumbiram e a que honradamente nós demos, ainda hoje se pregunta em Portugal porque foi que entrámos na guerra! E' que não pedimos, para ir, a autorisação de qualquer partido! E' que marchámos e nos sacrifiámos generosamente, sem a mira de qualquer interesse!

Outra passagem do discurso:

—Temos de fazer aqui, perante a sepultura dos soldados de Portugal, sobre as pedras que vão amanhã cobrir a vossa ossada, um juramento sagrado. O momento é, acima de tudo, militar; pertence ainda aos soldados das trincheiras. Pois é preciso que se conte com os soldados da Grande Guerra para honra nossa e para corresponder dignamente ao sacrificio que fizemos nos campos de batalha.

A fechar:

—Mortos ou vivos, os combatentes continuarão álerta! Que á memoria dos mortos se dê, em compensação do martirio sofrido, a prova provada de que não foi inutil o seu generoso sacrificio; que nos fique a honesta certesa de poderem crêr que o seu esforço contribuiu até ao alento derradeiro para maior gloria da Patria, para maior dignificação de Portugal!

Foi lida a seguir uma saudação de 300 mil portugueses residentes na America; e discursou o sr. tenente Lebre, para erguer novo hino de gloria á bravura dos que se bateram.

* * *

Passagens soltas, apanhadas na precipitação da reportagem:

—Saúdo os mortos da grande guerra, aqueles que baquearam para sempre nas planicies, de Africa e da França.

"Ha quem diga que nós recuamos! E' certo. Mas o adversario teve de conquistar o terreno abandonado por nós palmo a palmo.

"Glorificar os mortos é honrar os vivos, é relembrar as nossas tradições de guerreiros, de navegadores, de descobridores maritimos!

O sr. ministro das Finanças que assistia com os seus colegas da Marinha e das Colonias, proferiu, por fim, algumas palavras alevantadas, nobres, de saudade e de estimulo, em nome do governo. Agradeceu o convite feito pelos Combatentes da Grande Guerra, para se associar á funebre quanto patriotica manifestação, e afirmou:

—E' preciso que se inicie uma grande campanha de propaganda para que os feitos heroicos dos portugueses não fiquem no esquecimento, pois eu receio bem que, desaparecida esta geração, não mais se volte a falar dela. Tenho a consciencia de que cumpri o meu dever, embora não andasse nas trincheiras. E não andei lá porque a minha missão era outra.

O sr. coronel Osorio de Castro agradeceu ao sr. general Sinel de Cordes, em nome da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, a comparencia do governo, e, enquanto o Orfeon de Cintra, sob a regencia do novel maestro Luiz Silveira, na portada do cemiterio entoava uma ode que era um brado lindo de tristeza e de ansiedade patriotica, foram-se depondo flôres nas campas dos mortos.

Uma missa de sufragio

Pelas 11 horas, foi celebrada na Igreja da Ordem Militar de Aviz, uma missa de sufragio mandada rezar pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Celebrou o acto o rev. Avelino de Figueiredo, capitão capelão do C. E. P., acolitado pelo alferes mutilado sr. Alvares, tendo assistido os srs. ministros das Colonias e das Finanças, dr. Julio Dantas, altas patentes da Marinha e do Exercito, a direcção da Liga dos Combatentes Portugueses da Grande Guerra, combatentes franceses e belgas, oficiais, sargentos e soldados que fizeram parte do C. E. P., muitas senhoras e algumas praças de Marinha.

Após a cerimonia, o celebrante pronunciou um patriotico discurso, fazendo realçar o heroismo das tropas portuguesas que heroicamente lutaram contra onze divisões do Exercito alemão.

Terminou o rev. Figueiredo por lembrar que, assim como os soldados portugueses se uniram em França para resistir ao inimigo, assim nós devemos unir-dos tambem dentro de Portugal para honrar a nossa querida Patria, tão cheia de gloriosas tradições.

A Cruz de Guerra

Pouco depois das 15 horas, concentradas as forças de terra e mar no campo do Jockey Club, ao Campo Grande, realizou-se a cerimonia da imposição da Cruz de Guerra aos militares que se distinguiram nos campos de batalha.

Não vimos como isso foi, porque a policia não nos deixou entrar.

De resto, para os leitores de Lisboa pouca falta fará o pormenor, visto que, alóra os jornalistas que iam munidos das suas carteiras de identidade, toda a gente anonima teve entrada franca no recinto.

Aos mortos da guerra

A's 17,30 horas, no chão onde se lançou ha anos, na Avenida da Liberdade, a primeira pedra para o monumento aos mortos da Grande Guerra, encontrava-se tudo a postos para a romagem que se anunciara e se realizou enormemente concorrida.

O recinto fôra vedado para conter a multidão.

Lá dentro, formadas, viam-se 43 meninas, orfãos dos soldados mortos nos campos das batalhas de Africa e França, com ramos de flôres, alunas de varias escolas com os respectivos estandartes, todas as crianças com lindos ramos de flôres para depôrem no cabouco do monumento. Fôram chegando os musicos da G. N. R., foi crescendo o numero de populares a tal ponto que os automoveis dificilmente circulavam.

A certa altra, quando, já iniciada a série dos discursos, um operario do novo Arsenal do Alfeite — o sr. Manuel Marques — lia em nome dos seus camaradas de trabalho uma saudação que é um primôr de fé patriotica e um brado ardente de esperança nos melhores dias a que todo o Portugal aspira. E os discursos prosseguiram, e começou o chão a juncar-se de flôres, e dentro em pouco era todo um jardim aquele trato de terra onde vai eternizar-se a memoria dos que se bateram pela liberdade e pela liberdade morreram contentes.

O desfile das tropas

A's 4 horas, quando começára já o desfile das tropas, ouviu-se um sinal de canhão. Era o inicio dos dois minutos de silencio que o programa apontava.

Cumpriu-se esse pormenor impressionante da comemoração; e cumpriu-se de maneira a poder dizer-se que, do principio ao fim, o 9 de Abril foi celebrado este ano em Lisboa com o respeito e com a solenidade que de todo o ponto lhe competiam.

DE LUTO

Antonio Caldeira Pires

Mandada dizer por seu pai, reza-se na segunda-feira, ás 11 horas, na igreja das Mercês, uma missa por alma do nosso saudoso colaborador Antonio Caldeira Pires.

Luis Cardoso

Pela novidade, pelo conjuncto de admiraveis elementos artisticos que consegue reunir, as recitas de Luis Cardoso, nosso antigo camarada nas lides jornalisticas e secretario do Teatro São Luis, impõem-se a todos e constituem grandes acontecimentos, pela concorrencia elegante e pelo entusiasmo que despertam.

Depois de ámanhã, segunda-feira, realisa-se a sua festa dêste ano.

Os premios da lotaria

1068...	300.000$00	6139....	2.000$00
7833....	50.000$00	6288....	2.000$00
1311....	15.000$00	7129....	2.000$00
2856....	2.000$00	7838....	2.000$00
3278....	2.000$00	8155....	2.000$00
3629....	2.000$00	9115....	2.000$00
4589....	2.000$00		

EM VIGO

"Miss,, Portugal

foi festejada pelas hespanholas

VIGO, 9 — «Miss Portugal» chegou ontem á noite, fazendo de automovel o percurso de Valença a Vigo.

Na passagem da fronteira foi muito festejada.

As mulheres espanholas comentavam lisongeiramente a sua beleza.

O «Niagara» chega amanhã, embarcando «Miss Portugal» ás 9 horas, acompanhada pelo consul de Portugal e pelos jornalistas.

Apesar de ter chegado um pouco fatigada, «Miss Portugal» visitou a cidade, sendo saudada, gentilmente, pela população.—N. L.

Margarida Lopes de Almeida

Depois de três recitais realizados no Porto e um em Coimbra, com um exito enorme, a insigne "diseuse,, D. Margarida Lopes de Almeida despede-se do publico de Lisboa, com o recital de amanhã, em "matinée,, no São Luis.

Sortes grandes
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77